

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

**Simone da Fonseca Sanghi**

**Pertencer ao espaço comunitário: o  
desafio da auto-eco-organização de famílias moradoras do Campo da Tuca**

**Porto Alegre**

**2007**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**Pertencer ao espaço comunitário: o  
desafio da auto-eco-organização de famílias  
moradoras do Campo da Tuca**

**Simone da Fonseca Sanghi**  
Mestranda

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Isabel Barros Bellini**  
Orientadora

Porto Alegre, Outubro de 2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

**Pertencer ao espaço comunitário: o  
desafio da auto-eco-organização de famílias  
moradoras do Campo da Tuca**

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Serviço Social como requisito para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Isabel Barros Bellini.

**Simone da Fonseca Sanghi**

Mestranda

Porto Alegre, Outubro de 2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

**Pertencer ao espaço comunitário: o  
desafio da auto-eco-organização de famílias  
moradoras do Campo da Tuca**

Componentes da banca examinadora:

---

Profª Drª Maria Isabel Barros Bellini

---

Profª Drª Márcia Faustini

---

Profª Drª Marina Patrício Arruda

Dedico este trabalho à memória de minha mãe Maria Ivone, que sempre foi exemplo de garra, determinação e coragem, virtudes que aprendi com ela e que me foram indispensáveis nessa conquista.

## Agradecimentos

Considero que a elaboração de uma dissertação de mestrado é uma construção coletiva, embora sua redação, responsabilidade e *stress* seja predominantemente individual. Mas, difícil mesmo é fazer agradecimentos sem correr o risco de esquecer de alguém, tendo em vista, as várias pessoas que contribuíram com este trabalho. A elas registro minha gratidão!

A **DEUS**, razão da minha energia, persistência e luta!

À minha família, em especial meu irmão **Luciano**, minha cunhada **Vanessa** e minhas sobrinhas **Rafaela** e **Diovana**, pelo apoio, carinho e amor com os quais suportaram, pacientemente, minhas ausências da vida familiar e ao mesmo tempo torceram pelo meu sucesso!

Ao meu noivo **Vinicius**, companheiro e porto seguro pela paciência, dedicação e compreensão durante estes anos que caminhamos juntos e juntos buscamos novos desafios, tendo a clareza que só assim a vida vale a pena!

À amiga, conselheira e cuidadora **Kelines**, por sua disponibilidade irrestrita, sua forma exigente, crítica e criativa de questionar as idéias apresentadas, dando rumo a este trabalho e facilitando sem dúvida, o alcance de seus objetivos. Além da sua amizade e compreensão silenciosa respeitando que o meu tempo interno fluísse.

À minha orientadora **Maria Isabel "Belinha"**, por compartilhar comigo o tema desta pesquisa, disposta a oferecer estímulos, ouvindo com interesse e ânimo as indagações que surgiram durante este processo. Por ser paciente, generosa e corajosa em ousar trabalhar com novas idéias e conceitos, correndo os riscos inerentes a esta atitude.

Aos amigos **Cláucia** e **Jorge**, que junto a mim formaram o *Trio Ternura*, com quem partilhei interesses comuns, dúvidas, sorrisos, alegrias, inquietações, cervejas, caipirinhas, tequilas e tudo mais que nos uniu neste período tão marcante de nossas vidas.

As professoras, **Márcia Faustini** e **Marina P. Arruda**, por terem aceitado o convite em participar desta banca e pelas excelentes contribuições, exemplos e críticas oferecidas durante o exame de qualificação, e que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

À agência de fomento **CAPES**, que me concedeu uma bolsa de estudos durante a realização deste mestrado, fato que muito contribuiu para a viabilização desta dissertação.

À **Comunidade do Campo da Tuca**, pela disponibilidade e colaboração na realização desta pesquisa.

Aos **amigos**, de perto e de longe, que torceram e incentivaram meu trabalho, acreditando que seria possível mais essa conquista!

E, finalizo com as palavras de Edgar Morin (1997): *quero apenas dizer aqui, que as pessoas não citadas estão presentes em mim mesmo, assim como as vivas que foram providência, e as mortas que tinham sensibilidade demais para viver!*

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	10
<b>Abstract</b> .....	11
<b>Introdução</b> .....	13
<b>Primeira Parada – <i>A descoberta do Caminho</i></b> .....	20
1.1 Importância da Pesquisa .....	20
1.2 Sistema de Hipóteses.....	24
1.3 Objetivos.....	26
<b>Segunda Parada – <i>O prazer de Caminhar</i></b> .....	28
2.1 Pressuposto Epistemológico.....	28
2.2 O Método.....	32
2.3 Abordagem metodológica.....	34
2.4 Local da Pesquisa e suas especificidades.....	34
2.5 Foco da Pesquisa.....	36
2.6 Técnicas e instrumentos para coleta de dados.....	39
2.7 Singularidades da Pesquisa.....	40
2.8 Análise dos dados.....	44
<b>Terceira Parada – <i>A liberdade de escolha</i></b> .....	47
3.1 A primeira via de acesso – A da Globalização.....	47
3.1.1 A família no transcurso da história e na rota da globalização.....	48
3.2 A segunda via de acesso – A ponte para o pertencimento.....	56
3.2.1 A vereda das estratégias que leva ao pertencimento.....	56



3.3 A terceira via de acesso – Travessia para Comunidade.....	62
3.3.1 A travessia da comunidade no caminho da auto-eco-organização...	62
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>65</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>67</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>72</b>

## RESUMO

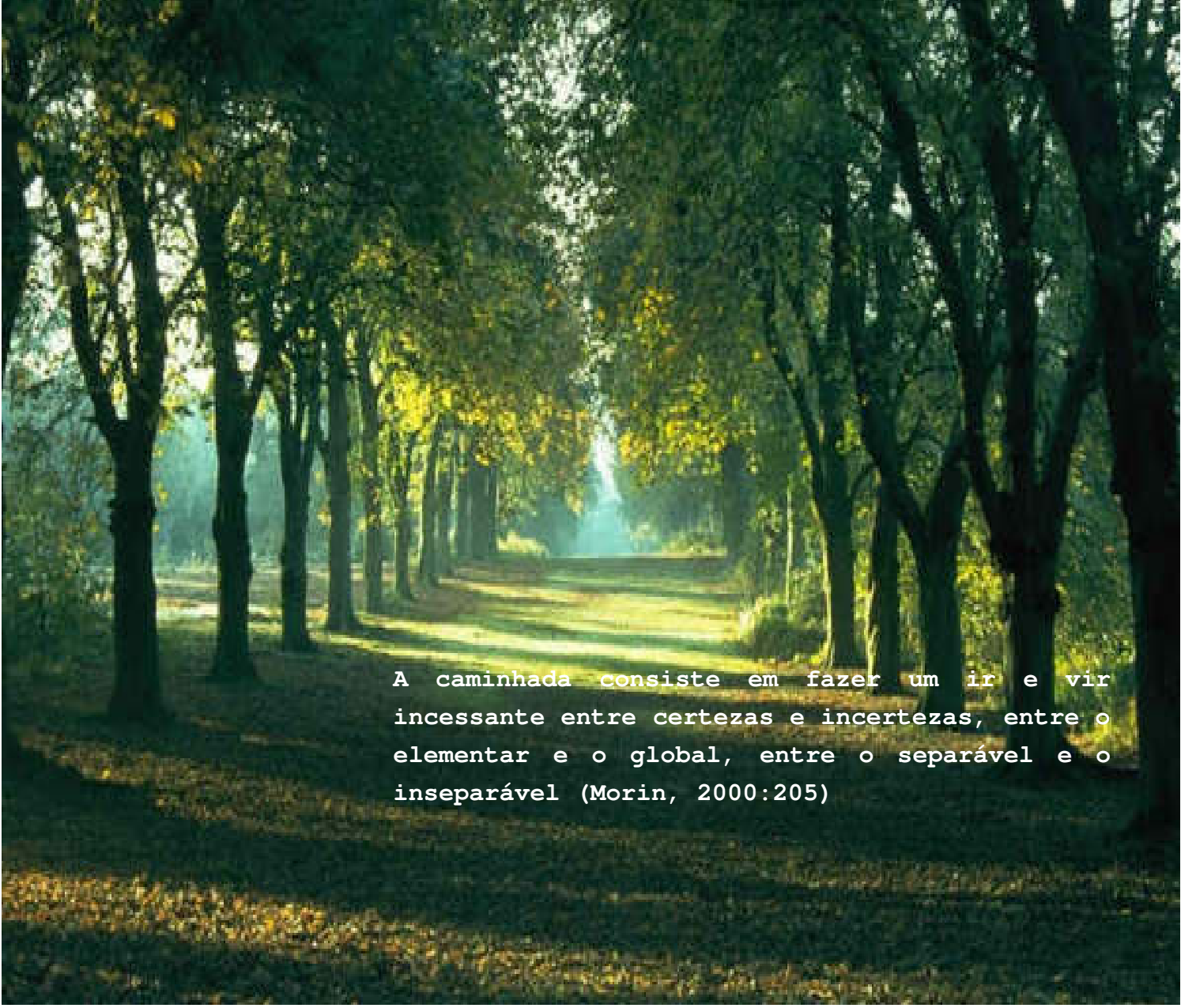
Esta pesquisa objetivou investigar como famílias moradoras da Comunidade do Campo da Tuca/ Partenon/ Porto Alegre organizam estratégias de inserção no espaço comunitário, possibilitando um processo de pertencimento social. O sentimento de pertencimento social é inerente ao ser humano, pois todos nós de alguma forma buscamos pertencer a algum espaço e/ou lugar, seja por uma questão geográfica, cultural, social, étnica, entre outras. Nesse sentido, o estudo com famílias, com suas múltiplas configurações e formas de organização, necessita de um olhar além do espaço doméstico, agregando suas diferenças, seus conflitos e demandas na busca de seu pertencimento comunitário, através de uma visão capaz de identificar não só fragilidades, mas também potencialidades que são desenvolvidas num cotidiano tão adverso. Por isso, as famílias vêm se auto-organizando na comunidade através de estratégias e de um conjunto de práticas que possam garantir o seu pertencimento social, as quais podem, posteriormente, serem consideradas no planejamento e execução de políticas sociais mais efetivas. A problemática desta pesquisa foi construída no Paradigma da Complexidade, o qual busca romper com os limites deterministas e simplificados, incorporando o acaso, a probabilidade e a incerteza como parâmetros necessários à compreensão da realidade. As possibilidades trazidas pelo pensamento complexo para o embasamento desta pesquisa são muitas, entre elas estão: a facilidade de construir um pensamento articulado, unindo vários aspectos da realidade, a compreensão de que não existem fenômenos de causa única, e que a inflexibilidade diante do novo reduz nosso campo de visão. Este referencial me faz pensar na família de forma integrada, apreendendo suas particularidades como pertencentes a diferentes grupos sociais e, para isso, é fundamental levar em consideração as estratégias adotadas por essas famílias, que implicam a adoção de complexas medidas, tanto de caráter econômico, social, cultural, como de pertencimento que contribuam para o desenvolvimento do grupo familiar e amenizem situações adversas.

Palavras-chave: família, comunidade, pertencimento social.

## ABSTRACT

This research intends to investigate how families living at the Community of Campo da Tuca/ Partenon/ Porto Alegre organize strategies of insertion in the communitarian space, making possible a process of social belonging. The feeling of social belonging is inherent to the human being, therefore all of us search somehow to belong to any space and/or place, either for a geographic, cultural, social, ethnic, or others questions. In this direction, the study with families, with its multiple configurations and organization forms, needs a view beyond to the domestic space, adding its differences, its conflicts and demands in search of its communitarian belonging, through a vision capable to identify not only fragilities, but also potentialities that are developed in a so adverse daily. Therefore, the families have auto-echo-organizing themselves in the community through strategies and a set of practical that may guarantee their social belonging and, later, to be considered in the planning and execution of more effective social policies. The problematic of this research was organized on the basis of the Paradigm of the Complexity, which searches to breach with determinist and simplified limits, incorporating perhaps, the probability and the uncertainty as necessary parameters to the understanding of the reality. The possibilities brought by the complex thought for the basements of this search are many, among them are: the easiness to construct an articulated thought, joining many aspects of the reality, the understanding that there are no phenomena of only cause, and that the inflexibility ahead of the new reduces our field of vision. This referential makes me wonder about the family in an integrated form, apprehending its particularities as pertaining to different social groups and, for this, it is fundamental to take in consideration the strategies adopted for these families, that imply the adoption of complex measures, as much of economic, social, cultural character, as of belonging that contributes for the development of the familiar group and brightens up adverse situations.

Keywords: family, community, social belonging.



A caminhada consiste em fazer um ir e vir incessante entre certezas e incertezas, entre o elementar e o global, entre o separável e o inseparável (Morin, 2000:205)

## Introdução

Felizes são as palavras de Leo Buscaglia (1982) que define “*introdução*” como *preparar o caminho para um discurso*, pois bem, essa é a primeira tarefa que me cabe: preparar o caminho!

Esse caminho se inicia com uma história que fez muito sentido pra mim nessa trajetória. É a fábula de um cavaleiro conhecido por usar uma armadura de aço reluzente que sempre estava preparado para lutar em qualquer batalha. Quando não estava nos campos de batalha matando dragões, ficava experimentando e admirando o lustre de sua armadura, porém, depois de um tempo, o cavaleiro tornou-se tão enamorado de sua armadura a ponto de não tirá-la mais. Ele a usava para jantar e até para dormir, pois se sentia protegido com ela. No entanto, usando sua armadura de aço já não podia sentir os raios de sol, os pingos da chuva, o calor de um abraço, um afago da sua família, enfim, estava preso naquela armadura rígida e pesada. (Fischer, 2006)

Esta pequena história me fez refletir que todos nós, de alguma forma, estamos presos em algum tipo de armadura. A minha era feita de limitações, preconceitos, medos diante do novo, do incerto, do acaso. Então, assim que iniciei minha caminhada, o peso da armadura começou a incomodar e pensei que só conseguiria prosseguir se tentasse me desvencilhar aos poucos das amarras e rever, em pele, osso e sentimentos, a bagagem que sou e a que carregava. Por isso, tentarei conduzi-los pelo caminho que escolhi e percorri, e mostrarei um pouco da bagagem que carreguei e a que constitui.

No período de 2003 a 2004, participei na Residência Integrada em Saúde (ESPRS), de uma modalidade de educação profissional pós-graduada de caráter multiprofissional e interdisciplinar, no Centro de Saúde Escola Murialdo-CSEM<sup>1</sup>, localizado no município de Porto Alegre, composto por seis Unidades Básicas de

---

<sup>1</sup> O Centro de Saúde Escola Murialdo - CSEM é um órgão vinculado à Escola de Saúde Pública da Secretaria Estadual de Saúde do RS;

Saúde distribuídas no bairro Partenon, uma das unidades localizada na Comunidade do Campo da Tuca.

Este tinha como objetivo qualificar profissionais dentro do modelo de assistência à saúde pautada no Programa/Estratégia de Saúde da Família – PSF.<sup>2</sup> O Programa de Saúde da Família teve como referência o ano de 1994, definido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o “Ano Internacional da Família”. Este foi um marco brasileiro de oficialização da família, como foco do cuidado profissional de saúde.

Essa experiência de trabalho e aprendizagem me proporcionou uma reflexão à cerca do contexto no qual estamos inseridos, permeados de mudanças que interferem na dinâmica social como um todo, e de forma particular na família, conforme suas configurações, histórias, conflitos e demandas.

A família era abordada, geralmente, de forma fragmentada, permeada por juízos de valor por parte de alguns profissionais e, algumas vezes, por mim também, sendo raramente vista como um sistema vivo<sup>3</sup>, com valores, cultura, saberes, produto e produtora da sociedade em que vive.

Igualmente, me surpreendia as estratégias utilizadas por algumas famílias, que por mais equivocadas que pudessem parecer, muitas vezes fomentavam sentimentos de inserção na comunidade, como vincular os filhos ao tráfico, vivenciar a precoce gravidez da filha adolescente como positiva (ainda que isso significasse não ter dinheiro para sustentar mais um membro na família), silenciar diante de crimes em troca de proteção, entre outras.

Porém, a necessidade de reconhecimento não era algo privativo dessas famílias, eu mesma passara por uma situação semelhante alguns anos atrás quando saí de

---

<sup>2</sup> **O Programa Saúde da Família** – PSF estrutura-se em unidades de saúde, com equipe multiprofissional, que assume a responsabilidade por uma determinada população, em território definido, onde desenvolve ações de saúde. Integra-se numa rede de serviços, de forma que se garanta atenção integral aos indivíduos e famílias.

<sup>3</sup> **Sistema Vivo:** é todo organismo - animal, planta, microrganismo ou ser humano - integrado, um sistema vivo. Em toda a natureza encontramos sistemas vivos dentro de outros sistemas vivos. Os sistemas vivos também incluem comunidades de organismos, que podem ser sistemas sociais como uma família, uma escola, uma cidade - ou ecossistemas. (Capra, 1998)

casa em busca de uma especialização. Apesar de o motivo ser bom, foram muitas as dificuldades que encontrei para sentir-me pertencente a um novo lugar, conhecer e me adaptar às novas regras de convivência e formar alianças.

Nasci numa família onde costumamos nos abraçar, beijar, sorrir e chorar juntos. E, principalmente, nasci e fui criada num espaço onde minha família tinha raízes, por isso já era pertencente a algum lugar, não precisei me esforçar para isso. Mas quando me vi longe do meu espaço, compreendi o quanto é importante pertencer a um grupo e/ou lugar.

Somos um pouco do meio onde crescemos, reflexos do espaço, dos valores, dos hábitos aos quais nos acostumamos a vivenciar. E, como revela Morin (1997:09), *Minha vida intelectual é inseparável de minha vida. Não escrevo do alto de uma torre que me separa da vida, mas de um redemoinho que me joga em minha vida e na vida...Não sou daqueles que têm uma carreira, mas dos que têm uma vida.*

Por isto, esta realidade me inquietava tanto, reconhecer a importância de aceitação, do pertencimento a um território, mesmo que para isso as estratégias utilizadas, como daquelas famílias, estivessem intrinsecamente ligadas a uma cultura local, própria de cada organização familiar.

Sabe-se que ao longo dos tempos foram sendo criadas e utilizadas expressões como: estratégias familiares ou estratégias de sobrevivência, a fim de darem conta de um conjunto de práticas que objetivam atender da melhor forma as necessidades das famílias.

E, foi pensando na diversidade de estratégias que as diferentes configurações familiares utilizavam, assim como a necessidade de serem reconhecidas em seu contexto social, econômico, cultural e político que esta pesquisa começou a ser pensada.

Dessa forma, conhecer as pessoas, as famílias impõem conhecer as comunidades onde elas vivem, entendendo que elas se relacionam das mais diferentes formas, podendo se ajudar ou se prejudicar mutuamente, dependendo

dos interesses que as mobilizam. Afinal, que relações socioculturais são estabelecidas? Qual a importância do espaço territorial para o grupo familiar? Compreender esta relação contribui para gestão de políticas públicas mais efetivas?

Esses questionamentos me levam a refletir e ampliar a discussão sobre exclusão/inclusão<sup>4</sup>. Não mais a exclusão social baseada somente na divisão entre as classes sociais, no nível cultural, no acesso à educação, na etnia, na língua, na religiosidade, etc., que já são dados constatados e bastante discutidos na academia, na mídia, nos espaços institucionais. Mas a exclusão/inclusão baseada no surgimento de novas formas organizativas de inserção nos diversos espaços vivenciados pelas famílias.

De acordo com Koga (2002:24) *Cada vez mais a complexidade da exclusão social exige respostas igualmente complexas para o seu enfrentamento*. Ou seja, compreender que essas situações demandam critérios de análise que possam abarcar, não só uma questão de sobrevivência, mas agregar a diversidade de outros fatores de agravamento social. Assim, compreender como as famílias em situação de vulnerabilidade social, cultural, econômica vivenciam suas estratégias de sobrevivência e pertencimento dentro do espaço comunitário é uma tarefa complexa, porque busca agregar a compreensão de uma multiplicidade de fatores, sem o privilégio de um em detrimento de outro.

Isto requer o exercício da nossa percepção de que não existem fenômenos de causa única e que muitas vezes, é o nosso pensamento fechado que contribui para a inflexibilidade diante do novo e da incerteza. É buscar dar vistas à realidade, não focando apenas no extremo sofrimento e privações, destacando o princípio dialógico (Morin, 2003) em que a comunidade se constitui de múltiplas formas complementares, concorrentes e antagônicas.

---

<sup>4</sup> Parto das idéias de Sawaia (1999:09) para explicar esse processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas relacionais e subjetivas. Complemento este pensamento baseada nas idéias de Edgar Morin (2005) que salienta que o princípio da exclusão comporta de maneira complementar e antagônica o princípio da inclusão. Nesse sentido, aponto para a dialógica (dois princípios que deveriam excluir-se reciprocamente, mas são indissociáveis em uma mesma realidade, MORIN, 2000:96). Portanto, a exclusão / inclusão são focos de análise antagônicos e complementares, uma realidade não pode ser pensada sem a outra. GOMES, 2005:80



Também é necessária uma mudança de pensamento por parte do profissional que se propuser a trabalhar com esse tipo de demanda, tendo clareza que as intervenções dentro dos territórios, para além da dimensão física, implicam nas relações construídas pelos homens que neles vivem. E esta mudança de pensamento vai além de conceber as novas configurações familiares, representa a percepção de interações familiares em constante movimento, através de ganhos e perdas, desacomodações e incomodações, novos desafios, mas também novas possibilidades à compreensão da família na contemporaneidade.

Assim, conforme avançava a minha caminhada, meu pensamento também mudava e assim minha armadura foi se desprendendo, fui incorporando à minha bagagem conhecimento, vontade, persistência, curiosidade pelo novo, pelo desconhecido, assim como nas palavras de Fischer (2006:105): *Embora possua este universo, nada possuo, pois não posso conhecer o desconhecido, se ao conhecido me agarro.*

Cada caminho percorrido, cada conhecimento construído, cada página escrita me subsidiaram na construção deste estudo, em meio ao incerto, ao acaso, ao inesperado, o caminho foi se constituindo como nas palavras do poeta Antônio Machado (1973) *Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar.*

Inspirada na história do cavaleiro e nas palavras do poeta é que esta dissertação está dividida em três paradas, que no contexto desta construção significam momentos de reflexão, de inspiração:

A primeira Parada: **A descoberta do caminho** traz a importância deste estudo e apresenta o problema de pesquisa, bem como as hipóteses e os objetivos pretendidos.

A segunda Parada: **O prazer de caminhar** mostrará a metodologia escolhida e o caminho realizado mostrando passo a passo a pesquisa.

A terceira Parada: **A liberdade de Escolha** apontará as três Vias de Acesso, ou seja, as três hipóteses que nortearam este estudo. A primeira via de acesso

abordará a Família no transcurso da história e na rota da Globalização; a segunda via de acesso apontará a Vereda das estratégias que leva ao Pertencimento; e a terceira via de acesso diz respeito à Travessia da Comunidade no caminho da auto-eco-organização, sendo que durante todo trajeto aparecerão algumas proposições.

Por fim, serão apresentadas as **Considerações Finais** e as **Referências Bibliográficas**, importante base de sustentação desta pesquisa e que acompanhou o desenvolvimento desta dissertação; e o **Apêndice** que trará os instrumentos que serviram para coleta dos dados e o Termo de Consentimento Informado.

*Na caminhada, que se pretendia solitária, muitos se juntaram ao caminhante, dispostos a partilhar o sol e poesia, saber e esperança, fábulas e conhecimento, tolerância e descoberta. (Silva, 2001:16)*



## **Primeira Parada: *A Descoberta do Caminho***

### **1.1 A importância da Pesquisa**

Esta parada reflete o meu processo de imersão nesta dissertação, onde meu primeiro movimento foi o de compreensão da relevância social, acadêmica e pessoal desta pesquisa. Para iniciar esta compreensão, busco de forma mais abrangente contextualizar a sociedade contemporânea e seu desenvolvimento global, bem como os efeitos deste contexto a nível local.

Pontuando o que Morin refere ao abordar o mundo como uno e global, *...uno no sentido de que cada parte do mundo faz parte cada vez mais do mundo em sua globalidade. E que o mundo em sua globalidade encontra-se dentro de cada parte (2001:46)*. Aqui, refiro-me que a organização comunitária não é algo isolado, mas também reflexo de como a sociedade se organiza. Da mesma forma, a sociedade manifesta a influência do mundo globalizado.

A globalização tem redimensionado a noção de espaço e tempo, ultrapassando fronteiras, extrapolando as barreiras nacionais e locais. Esta nova realidade de transformação, impulsionada pelas novas tecnologias de informação, projeta uma reorganização na sociedade, atingindo todos os segmentos de forma geral. Hoje se fala de globalização do mundo incluindo também o crime organizado que vem tomando proporções assustadoras. Os comandos de 'poderes paralelos', como vêm sendo chamados no Rio de Janeiro, bem como a organização do tráfico, ganham mais força quando ultrapassam as fronteiras locais associando-se a outras organizações do mesmo tipo ou que venham a complementar suas ações.

A globalização está entre os conceitos mais discutidos da atualidade e se apresenta sob as mais diversas dimensões como: econômica, política, social,

ambiental, cultural, entre outras. É um complexo de processos e forças de mudanças (Hall, 2005). Neste sentido, Vieira (1998:103) aponta que:

Apesar da predominância econômica, o processo de globalização transcende os fenômenos meramente econômicos e deve ser entendido também em suas dimensões políticas, ecológicas e sociais. Afetando todas as esferas da vida, trabalho, educação e lazer, expressão artística, tecnologia, administração de empresas e instituições públicas – a globalização, como vimos, implica mudanças sociais e reestruturação da ordem mundial.

Como mostra a citação acima, o conjunto de fatores que influenciam a sociedade globalizada vai além da questão econômica, chegando a interferir na organização das comunidades e mais diretamente no cotidiano das famílias. Para além do certo e do errado, do bem e do mal, a globalização tem provocado mudanças na forma de viver e conviver a nível mundial e local.

Neste sentido, os reflexos das posturas globais podem ser vistos nas comunidades. O termo Comunidade vem do latim *communitas*, *cum* mais *unitas*, quando muitos formam uma unidade. A comunidade pode ser constituída segundo Gustav Radbruch (2004) como uma relação entre os homens derivada da existência de uma obra comum que os prende entre si. Nesta relação, existem elementos de harmonia e interesses em comum, mas também elementos de conflito.

Para Tönnies (1947), desde que existam homens que dependam uns dos outros, por suas vontades, e se aprovelem reciprocamente, haverá comunidade. Esta poderá ser de parentesco, vizinhança ou amizade. O parentesco tem a residência como lugar; a vizinhança é o caráter geral da vida comum, onde a proximidade das casas determina numerosos contatos entre os homens; e a amizade se distingue das duas formas anteriores, é caracterizada por uma identidade nas formas de pensar. Portanto, viver em comunidade requer a compreensão do viver em comum, e está associado a um modo de vida.

De acordo com Magnani (1998:69):

A vida na cidade, no entanto, não se restringe às experiências do cotidiano que transcorrem no âmbito do bairro. A circulação em direção e através de territórios mais amplos se dá por meio de trajetos – percursos determinados

por regras de compatibilidade – que abrem o particularismo do pedaço a novas experiências, situadas fora das fronteiras daquele espaço conhecido, onde se está protegido por regras claras de pertencimento.

A construção de uma idéia de pertencimento ligada a uma referência não só físico-espacial, mas, também sociocultural, imprime uma força simbólica à idéia de representar-se no mundo e ocupar um espaço na sociedade. Além, das características territoriais, também o tempo de moradia dentro de uma comunidade gera mecanismos e regras a serem compartilhados e ritualizados, compondo um código de obrigações e reciprocidades a ser cumprido, como condição de reconhecimento e legitimidade. (Lima, 2003)

Esse sentimento de pertença a um grupo, com seus valores simbólicos e práticas culturais comuns, sedimenta o processo de formação da identidade social do sujeito, e contribui para que a família crie novas formas de organização para sobrevivência do grupo familiar, não só ao que se refere a sua subsistência, mas também quanto às relações estabelecidas no espaço onde vivem.

Esta é uma das inegáveis mudanças ocorridas no mundo nas últimas décadas: a diversificação dos arranjos familiares e suas formas de sobrevivência. De acordo com Gomes (2002): *crecem, consideravelmente, a parcela da população que vive em condições desfavoráveis, tanto nas relações estabelecidas por seus membros, quanto nos meios que utilizam para sua subsistência.*

Tal complexificação<sup>5</sup> tem exigido a criação de estratégias que implicam na adoção de medidas de caráter econômico, social, cultural, as quais contribuam para o desenvolvimento do grupo familiar e os ajudem a lidar com situações de vulnerabilidade no contexto a qual estão inseridos.

Conhecer o meio social<sup>6</sup> no qual a família está inserida permite identificar suas demandas, bem como os recursos do grupo familiar, importantes para entender as

---

<sup>5</sup> Significa um processo que envolve o acaso, a imprevisibilidade, o inesperado e a incerteza que fazem parte do cotidiano dos integrantes da família (GOMES, 2002).

<sup>6</sup> Meio social aqui é entendido, como a comunidade ou o território onde vive a família, onde ela estabelece seus laços de amizade, sua rede primária. (Lima, 2003)

estratégias utilizadas pelas famílias na comunidade, mas para isto é preciso conhecer aspectos da vida comunitária como costumes, crenças, hábitos.

Para tanto, esta pesquisa pretende trazer à tona como as famílias vêm se **auto-eco-**organizando no espaço comunitário, onde necessitam de estratégias e da legitimidade de um conjunto de práticas para garantir o seu pertencimento social. Também pretende-se dar visibilidade a estas práticas, ultrapassando as fronteiras locais, propiciando que a sociedade perceba este movimento de auto-eco-organização das famílias e da própria comunidade, o que poderá auxiliar no planejamento e execução de políticas públicas.

A visão da sociedade em relação à comunidade está associada ao tráfico de drogas, não percebendo os movimentos sociais e participativos existentes dentro deste espaço, onde uma série de serviços, projetos e programas funcionam ao mesmo tempo em prol do desenvolvimento social, comunitário, cultural e econômico desta localidade. Portanto, minha implicação enquanto pesquisadora, mulher, cidadã, assistente social, comprometida com o projeto ético-político da profissão, que busca viabilizar o acesso à garantia dos direitos da população, é poder estar problematizando essas questões e possivelmente estar apontando algumas alternativas que possam ser consideradas no planejamento e execução das políticas públicas como descrito acima.

Estar problematizando a auto-eco-organização das famílias moradoras desta comunidade, requer muito mais que um simples pensar a respeito do assunto, é necessário estabelecer a conexão do fenômeno estudado com as dimensões da prática profissional, teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política, pois desta forma se estabelece para além do processo de conhecimento o processo de intervenção profissional.

A partir da imersão neste contexto, e das inquietações trazidas em minha bagagem, fui procurando entender como se davam as relações, como se estabeleciam as interações, e isto me permitiu soltar um grande pedaço da minha

armadura e vislumbrar melhor o horizonte que se descortinava diante de mim, para além das frestas do meu elmo. Diante desta perspectiva, meu **problema de pesquisa** consiste em:

*Como famílias moradoras da Comunidade do Campo da Tuca, se auto-eco-organizam <sup>7</sup>, dando visibilidade ao processo de pertencimento social?*

## **1.2 Sistema de hipóteses**

Buscando possíveis respostas ao problema de pesquisa, construí três hipóteses que num primeiro momento se constituíram de ponto de partida rumo ao conhecimento do fenômeno estudado, para num segundo momento se desdobrarem em questões que nortearam esta pesquisa.

### **Hipótese 1**

A complexidade do mundo atual associada à velocidade tecnológica e a globalização tem instaurado novas formas de viver em nível mundial. Hábitos e costumes humanos são marcados pelos períodos históricos que refletem a forma de organização da sociedade a que pertence. Esta dinâmica também acarreta mudanças nas relações familiares: suas configurações, interações, hábitos e costumes. Diante disto, as famílias organizam/reorganizam seu cotidiano a fim de darem conta destas mudanças.

**Questão:** Como o mundo globalizado vem influenciando as sociedades que, por sua vez, provocam mudanças na organização/reorganização da família, a fim de darem conta de seu cotidiano?

---

<sup>7</sup> **Auto-eco-organização:** os seres vivos são seres auto-organizadores, que se auto-produzem, dependendo de energia para manter sua autonomia. Como têm necessidade de retirar energia de seu meio ambiente, sua autonomia é inseparável dessa dependência; e por isso são concebidos como seres auto-eco-organizadores. (Morin, 2004)



## **Hipótese 2**

O contexto das famílias moradoras do Campo da Tuca vem sendo permeado por um cotidiano de adversidades, onde muitas vezes estas famílias se utilizam de estratégias de inserção no espaço comunitário como uma forma de proteção e potencialização de uma relação de pertencimento social. Esta organização pode ajudar no enfrentamento de tais situações, mas também interferir significativamente no desenvolvimento de seus membros.

**Questão:** Como as famílias organizam suas estratégias de inserção na comunidade para estabelecer uma relação de pertencimento e enfrentarem a adversidade cotidiana?

## **Hipótese 3**

A comunidade se auto-eco-organiza das mais variadas formas, através de suas interações locais, de suas demandas, de seus conflitos, de suas articulações, estabelecendo a construção de regras internas de vivências e convivências. Neste tensionamento, entre o que é vivenciado no espaço comunitário e o que é percebido pela sociedade em geral é que surge a possibilidade de compreensão deste contexto complementar, antagônico e concorrente, estabelecido pela comunidade e que deve ser abarcado nas práticas e políticas sociais a fim de torná-las mais efetivas para esta população.

**Questão:** Como as práticas e políticas sociais podem abarcar a auto-eco-organização comunitária?

### 1.3 Objetivos

#### Geral

**Identificar** estratégias de auto-eco-organização utilizadas por famílias da Comunidade do Campo da Tuca, a fim de dar visibilidade ao processo de pertencimento social no espaço comunitário.

#### Específicos

- **Destacar** junto às famílias da Comunidade do Campo da Tuca influência do processo de globalização e das novas tecnologias na organização/reorganização do seu modo de viver ao longo dos tempos, com o intuito de contextualizar este processo.
- **Apontar** algumas estratégias utilizadas por famílias da Comunidade do Campo da Tuca frente a situações de adversidade, a fim de possibilitar e/ou limitar o processo de pertencimento social;
- **Compreender** a auto-eco-organização da comunidade do Campo da Tuca, a fim de contribuir com subsídios para a discussão de políticas, programas e práticas locais no intuito de torná-los mais efetivos.



*Observador da vida que experimenta e faz, o caminhante constrói seu olhar, como uma narrativa que descreve o caminho feito pelo prazer de caminhar. (Silva, 2001:17)*

## **Segunda Parada: *O prazer de caminhar***

A segunda parada aponta o processo de reflexão desenvolvido durante o caminho que escolhi e percorri. Durante o trajeto me via amarrada, presa, contida naquele aço. Meus braços desejavam tocar, sentir, experienciar o novo e para isto foi preciso uma imersão no paradigma da complexidade, que, segundo Silva (2001:18), *negocia com a incerteza, não para exorcizá-la, o que é impossível, mas na perspectiva do estabelecimento de pontes provisórias entre o ser-que-busca e o desconhecido.*

### **2.1 Pressuposto Epistemológico**

O século XX e este início de século XXI têm impulsionado a ciência para novos desafios. Teorias, hipóteses e premissas são testadas, ampliando o universo das indagações e descobertas científicas. A microfísica, a termodinâmica, a microbiologia tem ampliado o universo científico e proporcionado uma nova visão da ciência baseada numa razão aberta, uma razão complexa carregada de incertezas, de acasos, de imprevisibilidade. Segundo Bachelard (1996:24), *devemos Colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico.*

A mobilização da ciência em substituir o conhecimento fechado pelo aberto, dinâmico e flexível é evidenciada pela necessidade de se estudar fenômenos cada vez mais complexos. Vários são os autores envolvidos na busca de fundamentação para o novo paradigma científico, descritos como Pós-modernos, tais como: Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Habermans e Edgar Morin.

Esta pesquisa busca o desafio de seguir este novo paradigma, baseada nas idéias de Edgar Morin, que rompeu os limites deterministas e simplificados e incorporou o acaso, a probabilidade e a incerteza como parâmetros necessários à compreensão da realidade. Sua fundamentação está no Paradigma da

Complexidade, ou como nos aponta Morin, (2004) no *pensamento complexo*. Para tanto, se faz necessário compreender o termo “complexidade”.

Do ponto de vista etimológico, a palavra “complexidade” é de origem latina, provém de *complectere*, cuja raiz *plectere* significa trançar, enlaçar. A presença do prefixo “com” acrescenta o sentido da dualidade de dois elementos opostos que se enlaçam intimamente, mas sem anular sua dualidade.

Em francês, a palavra “complexo” aparece no século XVI: vem do latim *complexus*, que significa “que abraça”, particípio do verbo *complector*, que significa “eu abraço”, “eu ligo” (Morin, 2003). Outra observação importante está em diferenciar complexidade de algo complicado: complicado é um adjetivo que significa emaranhado, algo difícil de compreender porque inclui um grande número de peças, enquanto que a palavra complexidade significa tranças, enlace, abraço.

Apesar da palavra “complexidade” ser um tanto ambígua, muitas vezes passando a idéia de desordem, cada vez que ela é retirada de seu contexto e empregada sem discernimento muda completamente de sentido, tornando mais confusa sua utilização. Voltando ao pensamento complexo, Morin (1997) o descreve da seguinte forma:

(...) digo que o pensamento complexo quer sempre contextualizar e globalizar. Defendo a idéia da auto-organização. (...) o termo “complexo” deve ser tomado no sentido original, que significa “aquilo que forma um conjunto”.

Assim, o pensamento complexo é tecido por elementos heterogêneos associados. Não separa, mas une, trazendo uma nova possibilidade de refletir sobre o mundo, sobre o espaço comunitário e sobre as famílias que de lá fazem parte. A família, sujeito do meu estudo, com suas múltiplas configurações e formas de organização, tem necessitado de um olhar para além do espaço doméstico agregando suas diferenças, conflitos e demandas na busca de seu pertencimento comunitário, através de uma visão capaz de identificar não só fragilidades, mas também potencialidades que são desenvolvidas num cotidiano tão adverso.

Este novo olhar lançado sobre a realidade tem me motivado a uma “reforma de pensamento”, que nas palavras de Morin (2004:89) significa:

...a substituição de um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. A substituição de um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto.

Essa reforma, proposta por Morin, não se encerra no pensamento. Ela passa pela mudança na educação, na formação profissional, principalmente na minha visão dos fenômenos sociais que muitas vezes está sedimentado num paradigma de simplificação, correndo o risco de ficar em permanente estado de reprodução.

Como é uma mudança interna necessito ficar atenta, pois até então toda minha formação havia sido baseada num paradigma cartesiano, de simplificação. Bachelard, apud Morin (2003: 49) afirma:

Que o simples não é mais do que o resultado de uma simplificação e que a ciência contemporânea exige a introdução de novos princípios epistemológicos que ultrapassem o cartesianismo e a visão funcionalista da simplificação e da redução.

Mesmo que o ser humano costume buscar explicação para os fenômenos sociais partindo de pressupostos lógicos de raciocínio, a reforma do pensamento possibilita ir além das produções sociais, realizando um movimento transformador, que ultrapassa a mera reprodução de conhecimento à construção de novas possibilidades para nossa vida. Ainda, sobre esse tema, Morin (1997) refere:

Acho que hoje, como sempre, há várias “máfias” do pensamento, por assim dizer. Existem mundos intelectuais que têm algumas idéias comuns, e as colocam como uma espécie de jogo comum. Um exemplo histórico é dos filósofos das Luzes, Voltaire, Diderot, e seu escândalo diante das idéias de Rousseau. Voltaire chegou a dizer que ele queria “fazer-nos andar com quatro patas”, mostrando assim que não havia entendido nada do pensamento rousseauiano. Achava que Rousseau era um tonto, que propunha que todos vivessem nus, no primitivismo da natureza. Essa espécie de ruptura acontece porque o mundo intelectual sempre tem seus dogmas. Havia, é claro muita coisa valiosa na filosofia do Iluminismo, mas isso não o livrou do dogmatismo. O mesmo aconteceu um século depois, com a ruptura provocada pelo pensamento de Marx. Está acontecendo hoje e acontecerá sempre.

A reforma do meu pensamento foi despertada pela vontade de compreender os fenômenos de forma multidimensional e de ampliar a capacidade de conviver com

as incertezas. A partir daí desenvolvi mais a sensibilidade, o olhar, a escuta, ferramentas indispensáveis ao pesquisador, que, como eu, busca compreender as relações familiares e os aspectos significativos de suas trajetórias no espaço comunitário. Compreender aquilo que lhes faz sentido em meio a um universo tão marcado pela imprevisibilidade.

Existem algumas possibilidades trazidas pelo pensamento complexo para o embasamento deste fenômeno de pesquisa. Entre elas estão a construção de um pensamento articulado que, em vez de isolar, fragmentar, dividir, possa unir vários aspectos da realidade e compreender que não existem fenômenos de causa única, que a inflexibilidade é o primeiro passo para o subdesenvolvimento, pois reduz nosso campo de visão e, principalmente, por compreender que os melhores resultados vêm da conversação e do respeito à diversidade de opiniões e não ao dogmatismo. Além disto, este referencial me faz pensar na família de forma integrada, apreendendo suas particularidades como pertencentes a diferentes grupos sociais.

Estou vivendo um processo de transição paradigmática, ou seja – o trânsito de um paradigma para outro. Estamos na era pós-moderna<sup>8</sup>, onde não existem verdades absolutas, onde tudo é questionado e relativo. Não é o abandono à racionalidade, mas abertura a diversas formas de manifestar a razão, como pontuado anteriormente. E é neste sentido de mudança de olhar, da busca por tecer junto é que alicerço a base epistemológica deste estudo e passo a descrever sobre o método utilizado por mim.

---

<sup>8</sup> Para o sociólogo Zygmunt Bauman, o termo Pós-Modernidade é uma forma póstuma da modernidade, uma realidade ambígua, multiforme, onde os grandes esquemas explicativos teriam caído em descrédito e não haveria mais "garantias", posto que mesmo a "ciência" já não poderia ser considerada como a fonte da verdade.(2003)

## 2.2 O Método

O método se aplica sempre a uma idéia. E não há um método para coçar idéias. Ou, o que dá na mesma, com as idéias tudo é válido: a analogia, a inspiração, o seqüestro, o contraste, a contradição, a especulação, o sonho, o absurdo... Um plano para a aquisição de idéias só é bom se nos tenta continuamente a abandoná-lo, se nos convida a nos desviar dele, a farejar à direita e à esquerda, a nos distanciar, a girar em círculos, a divagar, a nos deixar levar pela obtenção e pelo tratamento de idéias. Aferrar-se com rigor a um plano de busca de idéias é anestésiar a intuição. (WAGENSBERG apud MORIN 2003:14)

O método inicia-se por sua própria busca, contando com a imprevisibilidade e nunca partindo de certezas absolutas. Há uma estreita relação entre teoria e método, já que ambos são componentes indispensáveis ao conhecimento complexo (Morin, 2003). Esta interlocução pode ser vista como uma estratégia à compreensão da problemática de pesquisa, já que as estratégias são criadas para o enfrentamento dos imprevistos, do novo, do acaso.

O método escolhido contém um conjunto de princípios metodológicos que se configuram como guias e propõe um pensar complexo que articule, compreenda e desenvolva sua própria autocrítica (Morin, 2003). Todos os guias estão relacionados uns com os outros e serão descritos abaixo:

1. **Princípio sistêmico ou organizacional:** permite religar o conhecimento das partes com o conhecimento do todo e vice-versa. Como dizia Pascal, “considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”;
2. **Princípio hologramático:** assim como num holograma, cada parte contém praticamente a totalidade da informação do objeto representado. Em qualquer organização complexa, não só a parte está no todo, mas também o todo está na parte. Por exemplo, cada um de nós, como indivíduos, trazemos a presença da sociedade da qual fazemos parte. A sociedade está presente em nós por meio da linguagem, da cultura, de suas regras, normas, etc.;



3. **Princípio da retroatividade:** com o conceito de circuito retroativo, rompemos com a causalidade linear: a causa age sobre o efeito e o efeito age sobre a causa, como no sistema de aquecimento, em que o termostato regula o andamento do aquecedor.
4. **Princípio da recursividade:** é um princípio que vai além da pura retroatividade. Um processo recursivo é aquele cujos produtos são necessários para a própria produção do processo. É uma dinâmica autoprodutiva e auto-organizacional. É um circuito gerador em que os produtos e os efeitos são, eles mesmos, os produtores e causadores daquilo que os produzem.
5. **Princípio da autonomia/dependência:** os seres vivos são seres auto-organizadores, que não param de se auto-produzir e, por isto mesmo, dependem energia para manter sua autonomia. Como têm necessidade de retirar energia, informação e organização de seu meio ambiente, sua autonomia é inseparável desta dependência, e por isto precisam ser concebidos como seres auto-eco-organizadores.
6. **Princípio dialógico:** num mesmo espaço mental, este princípio ajuda a pensar lógicas que se complementam e se excluem. O princípio dialógico pode ser definido como a associação complexa (complementar/ concorrente/ antagônica) de instâncias necessárias, conjuntamente necessárias à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado. A dialógica permite assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo.
7. **Princípio de reintrodução do conhecimento em todo conhecimento:** é preciso reintroduzir o papel do sujeito observador/ conceituador/ estrategista em todo conhecimento. O sujeito não reflete a realidade, o sujeito constrói a realidade por meio dos princípios já mencionados.

Apesar de todos os guias estarem inter-relacionados, escolhi dois princípios que nortearam o processo da pesquisa que são o Princípio da dialógica e o Princípio da

auto-eco-organização de autonomia/dependência. Estes princípios foram escolhidos por referirem a forma de auto-eco-organização das famílias e o sistema estabelecido para se incluírem nos espaços comunitários.

### **2.3 Abordagem Metodológica**

No intuito de atingir os objetivos deste trabalho, optei por uma pesquisa de natureza qualitativa, que de acordo com Minayo (2004:21):

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Como sugerido pela autora, este tipo de pesquisa busca a compreensão detalhada de significados e aspectos da realidade pesquisada. Este tipo de pesquisa se preocupa, dentro das Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. O pesquisador, orientado pelo enfoque qualitativo, tem com esta técnica uma ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo.

Trata-se de uma técnica metodológica que pressupõe a escuta atenta ao entrevistado e a percepção de suas interações, principalmente no estudo com famílias, as quais foram abordadas dentro de um contexto que se auto-eco-organiza constantemente.

### **2.4 Local da pesquisa e suas especificidades**

A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade do Campo da Tuca, localizada no bairro Partenon, zona leste do município de Porto Alegre/RS, que conta hoje com uma população de aproximadamente 10.000 pessoas que, em sua maioria, vivenciam situações de adversidade.

O Campo da Tuca é uma das poucas vilas na cidade de Porto Alegre que preserva seu campo de futebol como espaço de integração social, motivo de orgulho

de seus moradores. Seu nome é alusivo à antiga proprietária do terreno - Dona Tuca, que o cedeu para que se transformasse em um espaço de lazer.

Este local conta a história do futebol de várzea e da prática esportiva estimulada e preservada por seus moradores mais antigos, onde a memória faz parte das atividades sócio-culturais desenvolvidas, e que em outras épocas revelaram craques de futebol para o esporte profissional.

Mas a prática esportiva não é o único destaque desta comunidade. Na Associação Comunitária do Campo da Tuca a música, o teatro, a dança, a capoeira, o movimento hip hop e projetos de economia popular solidária são utilizados como recursos de valorização do ser humano em toda a sua plenitude na construção de uma cultura de paz, harmonia com o meio ambiente e melhoria da qualidade de vida.

Esta entidade também conta com um Telecentro para a inclusão digital da população de baixa renda com dezesseis computadores, sendo onze abertos ao público para acesso a Internet e cinco para o apoio aos programas sociais desenvolvidos no local, como o SASE – Serviço de Apoio Sócio Educativo; Trabalho Educativo, que trabalha com jovens em situação de vulnerabilidade; Inclusão do Jardim da Creche; NASF – Núcleo de Apoio Sócio Familiar e a Usina de Reciclagem de lixo, que trabalha em sua maioria com mulheres.

A última conquista da Associação Comunitária foi o Ponto de Cultura inaugurado em fevereiro de 2006 pessoalmente pelo Ministro da Cultura Gilberto Gil. O Ponto de Cultura é um projeto que tem como público alvo a juventude e baseia-se no movimento cultural da periferia. Sua idéia principal é agir permanentemente na recuperação do papel dos moradores da comunidade como protagonistas da sua história e do país.

Esta comunidade ainda conta com um Comitê de Desenvolvimento Comunitário, várias entidades religiosas, duas creches, uma usina de reciclagem de lixo, uma

Escola de ensino fundamental e uma Unidade Básica de Saúde ligada ao Centro de Saúde Escola Murialdo, citado anteriormente.

O Campo da Tuca também é conhecido por sua organização no tráfico de drogas, o qual, diariamente, movimenta a comunidade e agrava os índices de violência no local. A comunidade é visivelmente dividida, existindo as *ruas dos trabalhadores*, formada em sua maioria por carroceiros que trabalham como catadores de lixo, e as *ruas dos traficantes*, ou “bocas de fumo”, como são popularmente conhecidas.

## 2.5 Foco da pesquisa

O grande número de pessoas moradoras de uma comunidade, além de pouco tempo para execução de um estudo, possibilita como um holograma<sup>9</sup>, ver a parte para ver o todo, pois *não só a parte está no todo, mas o todo também está na parte* (MORIN, 2003:34). Não só as famílias estão na comunidade, mas a comunidade também está nas famílias por intermédio da linguagem, da cultura, das regras e normas de viver e conviver. Sendo assim, foram pesquisadas as 15 famílias moradoras da Comunidade do Campo da Tuca /Partenon, que estavam vinculadas ao NASF, um dos Programas de Proteção Social Básica à Família junto à Associação Comunitária do bairro.

A escolha se deu em virtude da Proteção Social Básica ser um dos eixos da Política Nacional de Assistência Social – PNAS (2004:27), que tem como objetivo *prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades, aquisições, e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários*. Hoje a família está no centro das políticas de proteção social, o que vem apontando uma conquista importante no campo dos direitos sociais. No entanto é importante se voltar um

---

<sup>9</sup> O holograma é uma imagem física, concebida por Gabor que, diferentemente das imagens fotográficas e filmicas comuns, é projetado ao espaço em três dimensões, produzindo uma assombrosa sensação de relevo e cor. (...) O holograma demonstra, portanto a realidade física de um tipo assombroso de organização, *na qual o todo está na parte que está no todo, e na qual a parte poderia ser mais ou menos apta a recriar o todo*. (MORIN: 2003:34)

pouco na história e compreender o longo caminho percorrido para a conquista destes direitos.

Historicamente, o Brasil passou a viver um agravamento da questão social antes da década de 30, onde o mesmo mantinha um Estado de caráter Liberal que agia apenas como um regulador das forças econômicas, protegendo os interesses de grupos dominantes e reprimindo as manifestações do proletariado. Com a chegada à década de 30, o país entra no processo de industrialização e, com ele, os problemas assistenciais, habitacionais, sanitários, educacionais, entre outros, começam a se avolumar, havendo um aumento desordenado das desigualdades sociais.

Temendo o acirramento de movimentos operários que surgiam no país em conjunto com a insatisfação da classe média e alguns intelectuais, o Presidente da época, Getúlio Vargas, reconhece a existência da questão social, encara-a como uma questão política e estabelece uma série de medidas de proteção como: a criação dos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPS); a Promulgação de uma Legislação Trabalhista, regulamentando a Justiça do Trabalho e a Legislação Sindical; a Fundação da LBA (Legião Brasileira de Assistência), SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SESI (Serviço Social da Indústria), SESC (Serviço Social do Comércio), entre outros, criando uma legislação social trabalhista, a fim de manter a coesão social.

É na década de 80, denominado período de “Transição Democrática”, que se inaugura um novo patamar na relação entre Estado e Sociedade, e surge uma concepção de proteção social na qual tanto os direitos sociais quanto as políticas concretizadoras destes direitos recebem uma atenção especial. Graças à mobilização da sociedade, as políticas sociais tornaram-se centrais naquela década, na agenda das reformas institucionais com a promulgação da Constituição Federal de 1988.

Na Carta Magna de 88, o sistema de proteção social foi reformulado, incorporando valores e critérios que soaram no Brasil como inovação conceitual e

política. Entre eles estavam os direitos sociais, o controle democrático, a garantia de mínimos sociais, entre outros, os quais passaram a constituir questões norteadoras da constituição de um novo padrão de política social adotado no país, inaugurando uma nova agenda no sistema de proteção social.

Mas foi no campo da Assistência Social que a Constituição de 88 mais se diferenciou das outras constituições, pois encampava um projeto de proteção social, que procurava justamente transformar em direito o que sempre fora tratado como favor. Porém, para ser efetivado o que estava preconizado na Lei, era preciso romper com uma prática assistencialista amplamente utilizada e com um padrão contributivo de proteção social. Este projeto ficou por muito tempo apenas prescrito na legislação, uma vez que a Política de Assistência Social mantinha um caráter compensatório e paliativo, desconsiderando a questão da efetivação do direito.

No entanto, a criação da Política Nacional de Assistência Social - PNAS (2004) que expressa a materialidade do conteúdo da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS (1993) buscou romper este modelo tutelar de proteção social e avançar para a possibilidade de reconhecimento legítimo das demandas de seus usuários. Esta concepção de assistência social está diretamente conectada aos direitos sociais, econômicos, políticos, que têm como preocupação central a proteção aos grupos vulneráveis, onde as necessidades humanas fundamentais, como alimentação, moradia, educação, trabalho, etc, não ficam condicionadas à caridade ou programas fragmentados, mas definidas como direitos.

Nesse sentido, a matricialidade sócio-familiar passa a ter papel de destaque no âmbito da PNAS (2004), ancorada no pressuposto de que a centralidade na família dentro desta política funda-se na idéia de que para prevenir, proteger, promover é necessário incluir seus membros não fragmentando nesta organização, e isto se dá à medida que a Assistência Social se desenvolve numa política de cunho universalista, que valoriza a convivência familiar e comunitária, tendo um caráter universal de garantia de direitos, de acesso aos serviços, programas e projetos presentes na consagração dos direitos sociais, políticos e civis.

## 2.6 Técnicas e Instrumentos para Coleta de Dados

### Entrevista semi-estruturada

Esta técnica é uma das mais recomendadas para proporcionar a interação entre pesquisador e entrevistado, pois seu caráter de proximidade possibilita a compreensão de como as pessoas pensam, agem e reagem a diversas situações.

De acordo com Laville, (1999:188) esta técnica consiste *em uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento*. As entrevistas da pesquisa seguiram um roteiro pré-estabelecido, o qual se encontra no apêndice deste estudo.

### Observação Participante

Uma das técnicas que privilegia a pesquisa qualitativa é a observação, principalmente, quando se compreende que observar não é somente olhar, mas ir além. É poder observar uma série de coisas, pessoas, ações, relações e buscar seu significado, seu sentido. Conforme Minayo (2004:59), este tipo de procedimento *realiza-se através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos*.

A observação se faz imprescindível em qualquer pesquisa científica. É o olhar minucioso sobre um fenômeno, *a base de toda investigação no campo social* nos diz Richardson (1999:16). O observador participante tem mais condições de compreender características do cotidiano da comunidade que escolhe estudar, desvelando hábitos, costumes, atitudes, os quais podem caracterizar estratégias de inserção e sobrevivência utilizadas pelas famílias em questão, dentro do espaço onde vivem. Esta técnica foi aplicada durante a realização de grupos focais, bem como durante entrevistas individuais, e contou com um roteiro pré-estabelecido que encontra-se no apêndice deste estudo.

## 2.7 Singularidades da Pesquisa

Apresento aqui o detalhamento dos instrumentos utilizados para coleta de dados, os limites encontrados, bem como as possibilidades criadas durante esse processo. Na identificação das entrevistas, foram utilizados nomes femininos fictícios com o intuito de preservar a identidade dos participantes, e mostrar um pouco dos contatos que estabeleci durante este caminho. Assim, inicio contando um pouco das entrevistas realizadas.

As entrevistas foram realizadas com as mulheres representantes das famílias escolhidas, no período de janeiro a março de 2007, tendo duração de uma hora. Esta técnica foi de fundamental importância, pois neste momento, pesquisador e pesquisado estabeleceram um contato mais próximo, mais direto. As entrevistas permitiram o destaque de aspectos relevantes sobre a convivência, o cotidiano, os ritos, hábitos, costumes que circundam a vida em comunidade e, principalmente, o quanto isso representa para as famílias que estavam inseridas naquele espaço.

A todo o momento era possível perceber a busca de uma relação de pertencimento que se estabelecia: desde uma simples troca de favores até o comprometimento e/ou envolvimento com o círculo do tráfico em troca de proteção. Isso é evidenciado na fala da moradora Maria (37 anos, 6 filhos) que conota positivamente a forma como as pessoas envolvidas com o tráfico auxiliam os moradores da comunidade:

**Eles**<sup>10</sup> são umas pessoas boas! Quando eu tava pra ganhar o meu último filho, começou a me dar as dores de madrugada, eu levantei, me lavei e saí na frente, aí tinha dois deles e perguntaram: - É tu Maria?  
- Eu disse sim, é que ta me dando as dores!  
\_ Eles mandaram chama o carro, na época era uma Kombi e eu fui não quis nem saber, em cinco minutos tava no hospital da PUC. Isso pra mim é o mais importante, quem ia me socorrer àquela hora? Quem?

Também foi possível perceber que apesar de existir um comando geral da comunidade por parte do tráfico, os moradores possuem uma relação de apego àquele território, onde se reconhecem como pertencentes e, por isto, estabelecem

---

<sup>10</sup> A utilização do termo **eles**, refere-se às pessoas da comunidade que estão envolvidas no tráfico.



regras de convivência fundamentais para sua própria segurança. Este fato foi observado na fala abaixo:

Só uma gangue comanda tudo! Eles são bons, não aceitam que roubem dos moradores da vila. Pode deixar roupa na rua que ninguém mexe. E os trabalhadores que saem cedo eles protegem e qualquer coisa que a gente precisa eles tomam atitude! (ROSA, 36 anos, 5 filhos)

Neste contexto, tomar atitude representa que providências devem ser apresentadas aos moradores quando alguma coisa vai mal dentro da comunidade. O comando do tráfico existente naquele local não serve apenas como referência a um comércio, mas também como um mediador entre os moradores que seguem estas regras de convivência estabelecidas e aqueles que burlam estas regras a fim de satisfazer interesses próprios. É possível identificar bem essa relação na seguinte fala:

As brigas são vagabundos contra vagabundos, a comunidade não se envolve. O **grande**<sup>11</sup> mora aqui nas redondezas, a gente conhece, não sabe muito bem onde mora, porque ele ta sempre mudando por causa da polícia, mas o importante é que o pessoal dele protege a gente. (JOANA, 22 anos, 2 filhos)

As falas explicitam que tacitamente existe um acordo, um trato, onde certamente o elemento principal é o silêncio por parte dos moradores em contrapartida da proteção por parte do tráfico. Este movimento evidencia o princípio da auto-eco-organização, pois muitas das mulheres entrevistadas silenciam para se proteger e, por conseguinte, protegerem seus filhos, sua família. Como mostra a fala abaixo:

A noite é um bang-bang, uma correria de vagabundo, polícia, as crianças tudo no chão. Mas um dia no meio de um tiroteio eu ouvi: - *aqui mora a Vilma e ela tem criança doente, vamos fica de tocaia lá no outro lado.* - Eu acho que eles me protegeram, a senhora não acha? (VILMA, 28 anos, 4 filhos)

Isto vem reiterar uma das primeiras estratégias identificadas nesta pesquisa, a auto-eco-organização destas mulheres que cuidam de si para cuidar do outro, a partir de suas competências e possibilidades em meio a um contexto marcado pela imprevisibilidade.

---

<sup>11</sup> A utilização do termo **grande** refere-se ao líder do tráfico na comunidade.

A observação participante foi outra técnica que se fez necessária durante todo o processo da pesquisa e iniciou nos primeiros contatos que realizei na comunidade. Sempre que me deslocava até a Associação Comunitária, local onde realizei as entrevistas e acompanhei alguns grupos, ia interagindo com aquele local, percebendo as pessoas sentadas na frente das casas, as crianças brincando soltas em meio aos cães e as fezes de cavalos; aglomerações nas esquinas; olhares desconfiados sobre todos que se aproximavam e que não eram reconhecidos como parte daquele local.

As mulheres sentadas nos pátios das casas em meio aos filhos menores, *chimarreavam*<sup>12</sup> e conversavam como quem, simplesmente, espera o tempo passar e não tem muitas aspirações sobre o futuro. Seus olhares não eram desconfiados, nem confiantes, apenas indiferentes.

Nos espaços dos grupos do NASF que observei e durante as entrevistas que realizei as percepções não mudaram muito. A maioria das mulheres chegava desorganizada trazendo vários filhos, sem saber muito bem o porquê de estarem ali, mas sabiam que sua ausência acarretaria em algum tipo de punição, ou seja, desligamento do programa, e por conseqüência a perda do recurso financeiro.

Mas ao mesmo tempo em que aquele espaço significava um espaço de obrigatoriedade para aquelas mulheres, significava também um espaço de partilha, de escuta, de troca de realidades tão semelhantes e conflituosas, um espaço onde eram acolhidas e ouvidas em suas demandas. Nestes momentos, pude observar os olhares perdidos, indiferentes, tristes, algumas falas agressivas, comportamentos hostis, agitados. Através das observações, fui além do simples contato físico, pude interagir e perceber questões que não são claras, explícitas. Como no caso da moradora Vitória (45 anos, 4 filhos) que refere:

---

<sup>12</sup> Chimarrear é um termo do vocabulário tradicionalista gaúcho referente ao ato de tomar chimarrão (bebida feita a base de erva-mate e água quente), costumeiramente acompanhado de prosas entre amigos.

Essa vida é injusta! Os meus irmãos andaram brigando com esse pessoal por causa de drogas, ficaram devendo e fugiram da vila. Agora, eu e a minha mãe vivemos chaveadas, escondida em casa. Eu fico meio assim porque eles sabem que sou irmã deles, mas o que vou fazer. Não posso ir embora também!

Esta fala expressa bem a indignação desta moradora frente ao poder que o tráfico exerce na comunidade que ao mesmo tempo em que protege também cerce aqueles moradores que de alguma forma têm eles como seus inimigos. É uma forma de controle dificilmente rompida, a não ser no caso de mudança de local. Evidencio aqui o princípio da retroatividade que não só a causa age sobre o efeito, mas o efeito age sobre a causa. Na situação acima, não só os irmãos da moradora tiveram que sair do local, como a moradora também teve que mudar seus hábitos para continuar morando nessa comunidade.

Outras questões observadas nestes espaços foram quanto a segurança, a organização da comunidade, conflitos no espaço local e como as famílias administravam estes fatos. Quanto à questão da segurança, as mulheres foram unânimes ao afirmar que se sentiam seguras dentro da comunidade graças ao comando “deles”, que sempre estavam atentos quando algo de errado acontecia naquele território e, ao mesmo tempo, inseguras por estarem tão próximas dos conflitos e da influência das drogas para seus filhos. Um movimento dialógico observado na fala desta moradora:

Eu me sinto segura, mas é uma faca de dois gumes! Depende da época, da briga de tráficos, os moradores protegem “eles”, até porque se entregarem têm que sair daqui, se afastar. Em compensação, ninguém rouba na comunidade e isso é bom. Mas eu sei que não é um lugar bom pra criar filho, eu não deixo os meus sozinhos nunca! (GRAÇA, 36 anos, 3 filhos)

Este movimento complementar, antagônico e concorrente está presente na relação estabelecida entre os traficantes e os moradores da comunidade, pois ao mesmo tempo em que se sentem seguros no dia-a-dia daquela localidade, sentem-se inseguros quando há uma quebra desta rotina e são ameaçados por outros grupos de controle do tráfico, quando a todo instante são surpreendidos por tiroteios,

prisões, ameaças, invasões da polícia. Também aqui pode ser observado o movimento de autonomia e dependência que as famílias moradoras da comunidade estabelecem em relação ao poder do tráfico.

Igualmente, cabe ressaltar a existência de uma organização comunitária, evidenciada através de uma rede de serviços bem articulada, a fim de darem conta de demandas comuns à comunidade. Um exemplo disto foi a articulação que associação comunitária fez para que houvesse o retorno do Posto de Saúde para dentro da comunidade, já que este havia sido fechado depois que um traficante baleado não pode ser atendido naquele local por falta de infra-estrutura, e o grupo que o acompanhava apedrejou o carro do médico que se recusou a fazer o atendimento. Mostrando a auto-eco-organização da comunidade que não fica inerte a todo esse processo de comando do tráfico, mas busca através da associação formas de cuidado para os seus moradores.

Outras conquistas relevantes foram à criação do Comitê de Desenvolvimento Social que serviu de local para implantação de programas como Fome Zero; a reabertura da Usina de Reciclagem de Lixo desativada por falta de uma coordenação mais efetiva; a instalação do Telecentro Cultural - um projeto de Governo Federal para inclusão digital de jovens na Associação Comunitária - entre outros. Aqui, também se percebe o princípio de auto-eco-organização, uma vez que a comunidade se mobiliza em prol de interesses comuns, mas que repercute individualmente na vida de cada morador. Pois, estabelecem uma relação de autonomia e dependência do meio em que vivem cuidando de si para cuidar do outro.

E, quanto à existência de conflitos comunitários, alguns relatos referiam-se a discussões, desentendimentos entre vizinhos, brigas do tráfico que em determinados momentos interferiam no cotidiano dos moradores mas que, apesar de algumas desavenças, os vizinhos mostravam-se solícitos em momentos de necessidade, como quando alguém adoecia ou necessitava de algum auxílio, mostrando a solidariedade existente nesta localidade.

## 2.8 Análise dos Dados

A Análise de Conteúdo (AC) é uma técnica que, tanto pode ser aplicada nas pesquisas quantitativas, como na investigação qualitativa, variando a sua conotação. Esta análise é um conjunto de instrumentos metodológicos cada dia mais aperfeiçoado que se aplicam aos discursos diversos. Suas definições vêm mudando através do tempo, à medida que se aperfeiçoa sua técnica e se diversifica seu campo de aplicação, com a formulação de novos problemas e novos materiais.

Atualmente, esta metodologia de análise de dados vem atingindo novas e desafiadoras possibilidades na medida em que se integra, cada vez mais, na exploração qualitativa de mensagens e informações. De acordo com Roque Moraes (1998:09):

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e textos (...) ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

A reinterpretação da realidade em busca da compreensão de seus significados vai ao encontro da proposta deste estudo, onde sua categoria principal de pesquisa é o sentimento de pertencimento social. O Pertencimento Social é algo subjetivo, que varia de acordo com as diferenças culturais, simbologias, motivações, valores e crenças dos sujeitos, geralmente, sendo identificado através do comportamento e da comunicação verbal e não verbal.

Tendo em vista os aspectos mencionados, este estudo se utilizou da Análise de Conteúdo como uma ferramenta valiosa, permitindo captar e interpretar o sentido simbólico das expressões verbais e não verbais, os quais nem sempre são manifestos.

Este processo de análise foi constituído por cinco etapas: na primeira etapa, a **preparação das informações**, foram identificados os extratos das entrevistas realizadas. A segunda etapa, **unitarização do corpus**, foi o momento de ler os materiais coletados e definir as unidades de registro. Na terceira etapa, houve o

processo de **categorização inicial, intermediária e final**, do qual surgiram categorias que foram descritas interpretadas e analisadas no decorrer deste processo. O quadro de operacionalização da categorização final será apresentado abaixo e a análise continuará permeando no decorrer das três hipóteses deste estudo.

### **Categorização Final**

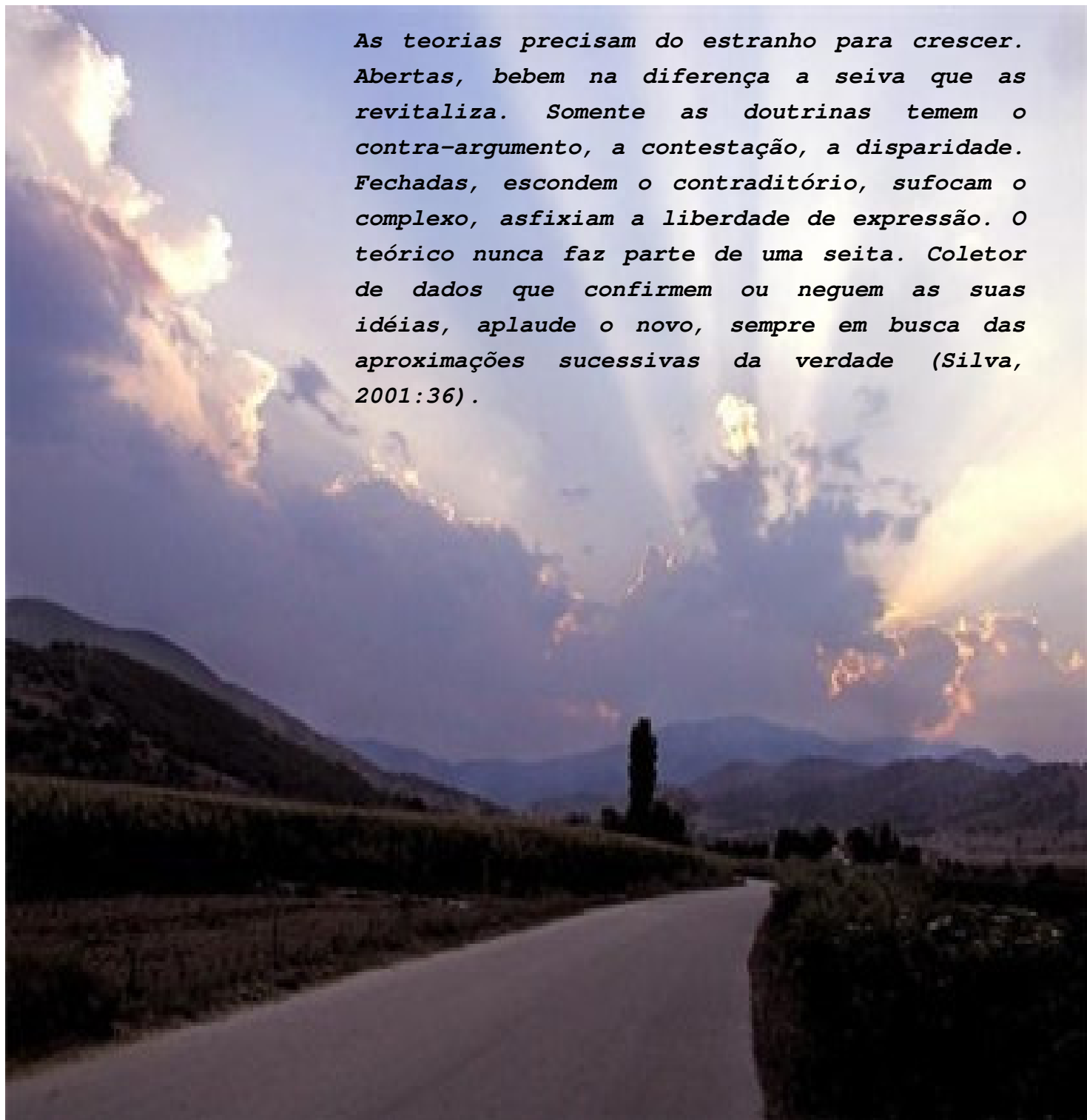
<b>CATEGORIAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>%</b>
Violência	4	26,7
Pertencimento	4	26,7
Auto-eco-organização	7	46,6
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

Na quarta etapa, a partir das categorias que apareceram com mais incidência nos relatos e observações, foi feita a descrição, que consiste em defini-las. A primeira categoria - **Violência** pode ser definida como *qualquer comportamento ou conjunto de comportamentos que visem causar dano à outra pessoa, ser vivo ou objeto. Nega-se autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado;*

O **pertencimento** ou sentimento de pertencimento *é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade nas quais símbolos expressam valores, medos e aspirações* e, por fim, o princípio da **auto-eco-organização** aponta que os seres vivos são seres auto-organizadores, que se auto-produzem, despendendo de energia para manter sua autonomia. Como têm necessidade de retirar energia de seu meio ambiente, sua autonomia é inseparável dessa dependência; e por isso são concebidos como seres auto-eco-organizadores. (Morin, 2004)

A partir do exercício de categorização, já foi possível perceber que a questão do pertencimento social no espaço comunitário, está imbricada por outras questões pertinentes ao cotidiano das famílias pesquisadas, como a violência, a proteção e a relação de autonomia e dependência, expressa pelas estratégias de auto-eco-organização utilizadas por essas famílias. E volto a reiterar que o processo de análise dessa categorização estará distribuído no corpo do texto, principalmente nas hipóteses.

*As teorias precisam do estranho para crescer. Abertas, bebem na diferença a seiva que as revitaliza. Somente as doutrinas temem o contra-argumento, a contestação, a disparidade. Fechadas, escondem o contraditório, sufocam o complexo, asfixiam a liberdade de expressão. O teórico nunca faz parte de uma seita. Coletor de dados que confirmem ou neguem as suas idéias, aplaude o novo, sempre em busca das aproximações sucessivas da verdade (Silva, 2001:36).*





### Terceira Parada: A Liberdade de escolha

A terceira parada representou outro ponto importante na minha caminhada, nesse processo de transição paradigmática, pois neste trecho me vi diante de três vias de acesso, três alternativas de desvelamento frente ao meu problema de pesquisa. No entanto, pude perceber que não era preciso escolher um determinado caminho, mas percorrer todos, compreendendo que isso constitui meu processo de conhecimento.

Assim, neste ponto do caminho, desvencilhada de parte da minha armadura, já era possível ver, sentir, tocar. Porém as possibilidades também representam limites: ainda faltava andar com mais leveza, mais destreza, mais agilidade, pois minhas pernas ainda estavam pesadas e não respondiam, completamente, aos meus comandos.

Nesse momento, recordei as palavras de Morin (2006:08): *Se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, por sua vez o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revezá-lo, e às vezes mesmo a superá-lo.* Era preciso, mais uma vez, enfrentar o desafio de continuar a caminhada, sem me importar com o peso da armadura, mas apostar que ele diminuiria conforme avançara no caminho.

#### 3.1 A primeira Via de Acesso: A Globalização

***A complexidade do mundo atual associada à velocidade tecnológica e à globalização tem instaurado novas formas de viver em nível mundial. Hábitos e costumes humanos são marcados pelos períodos históricos que refletem a forma de organização da sociedade a que pertence. Esta dinâmica também acarreta mudanças nas relações familiares, suas configurações, suas interações, seus hábitos e costumes. Diante disto, famílias organizam/reorganizam seu cotidiano, a fim de darem conta destas mudanças.***

A primeira via de acesso procura analisar a primeira hipótese a partir da questão que orientou seu desmembramento: *Como o mundo globalizado vem influenciando as sociedades que, por sua vez, provocam mudanças na organização/reorganização da família, a fim de darem conta de seu cotidiano?*

Supõe-se que o contexto globalizado no qual estamos inseridos, bem como as mudanças que vêm marcando a atualidade, tanto a nível global como local, tem produzido novas formas de organização das famílias. Todavia, é preciso fazer um resgate da instituição família no transcurso da história, bem como as influências do processo de globalização ao longo desse período.

### **3.1.1 A Família no transcurso da história e na rota da globalização**

A família ao longo dos tempos vem sofrendo mudanças relativas tanto à sua formação, organização, objetivo, quanto ao modo de se auto-eco-organizarem em redes sociais, assistindo ao surgimento de uma transformação nas culturas humanas que lentamente fundou-se em uma cultura globalizada, ou seja, um processo de integração social, cultural, econômica, política, etc.

Os processos contemporâneos de globalização da economia, da política, da cultura, das informações, assim como dos avanços tecnológicos, vêm produzindo uma sociedade complexa e multifacetada, uma sociedade global, que por um lado mantém as pessoas interconectadas, mas, por outro, extremamente vulnerabilizadas em seus vínculos relacionais de inclusão e de pertença.

Para melhor compreensão destas mudanças faz-se necessário voltar na história para entender o rol de mutação que a família vem sofrendo e o surgimento de uma diversidade de demandas que aparecem decorrentes do processo histórico, econômico, social, cultural, político que vivenciam no decorrer dos tempos.

A origem etimológica da palavra *família* vem do vocábulo latino *famulus*, que significa servo ou escravo, sugerindo que primitivamente considerava-se a família como sendo o *conjunto de escravos ou criados de uma mesma pessoa* (Osório-

1996). Existem várias teorias sobre a origem da família, mas o que se pode afirmar é que esse tipo de organização não é exclusivo da espécie humana. Esse mesmo autor destaca (1996:24): *A organização familiar não é exclusiva do homem, vamos encontrá-la em outras espécies animais, quer entre os vertebrados como também sob formas rudimentares, entre os invertebrados.*

Os agrupamentos familiares foram passando por diversas etapas ao longo de seu desenvolvimento e se organizaram das mais diferentes formas. Primeiro, sob a preponderância do papel da mãe, surge à forma matriarcal como descrito abaixo por Osório (1996:25):

O matriarcado era uma decorrência natural da vida nômade dos povos primitivos, pois enquanto os homens – desconhecendo ainda as técnicas próprias ao cultivo da terra – tinham que sair à procura de alimento, às mulheres ficavam nos acampamentos com os filhos, que cresciam praticamente sob a influência exclusiva das mães, a quem cabia ainda fornecer um mínimo de estabilidade social a estes núcleos familiares incipientes.

Esse modelo familiar centrado na figura da mãe, nos dias de hoje recebe uma outra forma de organização e outra nomenclatura, que é a família mono parental chefiada por mulheres. Como no matriarcado, os pais saem do convívio familiar ou apenas da configuração familiar deixando a criação dos filhos a cargo das mulheres, como aponta a fala a seguir:

Não é fácil viver nesse mundo Dona, nada cai do céu. A gente tem que se virar, ainda mais quando a gente é mãe e pai, tem que fazer uma correria danada! Leite, o pão, a mistura a gente consegue daqui ou dali, mas a criação dos filhos sozinha é difícil! (MARIA DA GRAÇA, 40 anos, 5 filhos).

A fala retrata a organização deste modelo familiar que não é novo, mas que cresce cada vez mais em nossa realidade, fazendo com que as mulheres tenham uma sobrecarga no seu cotidiano, buscando cuidar de si para cuidar dos filhos. Esta configuração familiar esteve muito presente entre as entrevistadas que na sua maioria (oito famílias), eram monoparentais.

Voltando para o decurso da história, outra organização familiar é a patriarcal, com o desenvolvimento da agricultura que os obrigou a fixar residência para cuidar e trabalhar na terra. Conseqüentemente, promovendo o advento da vida sedentária e

mostrando o poder exercido pelo chefe de família, neste caso, o pai. Conforme Osório (1996:27):

A repartição de tarefas advindas do desenvolvimento da agricultura deu origem à família patriarcal, fundada sobre a autoridade absoluta do patriarca ou chefe de família, que geralmente vivia num regime poligâmico, com as mulheres habitualmente isoladas ou confinadas em determinados locais.

Esse tipo de organização onde o patriarca exercia grande poder tanto sobre sua prole quanto sua propriedade deu origem a família monogâmica no sentido de vir assegurar tanto o reconhecimento de filhos legítimos, como a transmissão hereditária da propriedade vindo a demarcar o território da parentalidade (Osório, 1996). Essa configuração não dá vistas ao movimento vivenciado nesta comunidade pois, como visto anteriormente, o patriarca sai das famílias ou até mesmo nunca fez parte destas.

No século XV surge a família monogâmica característica do ocidente, cuja função central era a manutenção da propriedade privada. Nestse mesmo período, alguns historiadores acreditam que tenham surgido os primeiros traços do processo de globalização com as Grandes Navegações e Descobertas Marítimas, onde o homem europeu entrou em contato com povos de outros continentes, estabelecendo relações comerciais e culturais.

Com o objetivo de se comunicar, trocar bens e informações que lhes eram escassos em suas localidades, o homem lançou-se em busca de novos territórios e conquista de mercados, emergindo com isto a idéia primitiva do que viria a ser uma aldeia coletiva, um mundo sem fronteiras: a globalização.

Para a família, continuava a missão de assegurar a transmissão da vida, dos nomes e dos bens, sem o aprofundamento dos laços afetivos. As crianças eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, e constantemente misturavam-se aos adultos até os sete anos de idade.

Depois deste período, as crianças eram colocadas em casas de outras pessoas para iniciarem seu processo de aprendizagem, com o objetivo de aprenderem “boas maneiras” e preparar-se para vida. Assim, toda a educação se fazia através da

aprendizagem e a transmissão do conhecimento de uma geração à outra era garantida pelo convívio direto das crianças com os adultos. Segundo Áries (1981:64): *O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade.*

No final do século XVII há uma mudança considerável na família: esta deixa de ser apenas uma instituição do direito privado (para transmissão dos bens e do nome), assumindo uma função moral e espiritual junto aos seus membros. Os pais passam a acompanhar com maior interesse a formação de seus filhos, se organizando em torno da criança, permitindo que esta saia de seu anonimato.

A aprendizagem como meio de educação é substituída pela Escola e a criança deixa de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente através da convivência com eles. Passou-se a aceitar que a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena, antes de deixá-la unir-se aos adultos.

O fenômeno da “escolarização” comprova uma transformação considerável na família: esta se concentrou na criança e sua vida confundiu-se com as relações cada vez mais sentimentais entre pais e filhos. A família e a escola retiraram juntas as crianças da sociedade dos adultos, pois a criança começa a ser vista como um ser em desenvolvimento e não mais como um adulto pequeno.

No início do século XVIII ocorre um recolhimento da família para longe da vida coletiva. Ela começa a manter a sociedade à distância e se retrai dentro de uma casa, que está preparada para a defesa de intrusos e para sua intimidade. Áries (1981:66) refere:

A família moderna retira da vida comum não apenas as crianças, mas grande parte do tempo e da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade, mas também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, os costumes e o gênero de vida.

As reorganizações da casa e dos costumes deixaram um espaço maior para intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e as crianças sem

a interferência de pessoas externas. Esta nova organização não só trouxe pontos positivos no que se refere ao convívio mais restrito do casal com os filhos, como também abriu espaço para ações e interações cercadas de segredos e mitos que muitas vezes geraram violência doméstica. Destaca Áries (1981:80):

Os progressos do sentimento de família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica. O sentimento de família não se desenvolve quando a casa está aberta para o exterior: ele exige um mínimo de segredo.

Este retraimento da família veio mudando no decorrer dos tempos e no final do século XVIII: não era costume ir à casa de um amigo ou sócio a qualquer hora, sem avisá-los anteriormente. A reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e as crianças, da qual se excluía os criados, os clientes e os amigos.

No Brasil um movimento veio se constituindo desde as últimas décadas do século XIX, inspirados no positivismo onde o projeto republicano dos militares penetrou no país deixando raízes no imaginário social. Assim como projetavam as modificações que adquiriam um caráter de modernização conservadora no plano econômico, mantendo, contudo, um padrão de controle político e social excludente, pensavam também na organização da família moderna, chamada “nova família”, considerada na época a família nuclear moderna, como um padrão de organização burguesa. Como refere Kaloustian (2002:31):

Até os dias atuais, todo processo de mudança na organização das famílias que acompanha o aburguesamento da sociedade moderna, divórcio, parentela oriunda dos filhos de outros casamentos, por exemplo, ou uma maior liberalidade dos costumes e da vida sexual que, no conjunto, implique a modernidade, recebe a designação de nova família.

Este projeto voltava-se para a modernização da família branca, de origem européia, que gradativamente ia se alterando com a urbanização e os modismos que impunham novos padrões de comportamento, uma vez que o país estava inserido no mercado mundial. Estas novas tendências foram postas pelo movimento de modernização que teve início na Europa do século XVIII e que seguiu com o chamado processo de globalização.

No entanto a globalização teve maior visibilidade somente no final do século XX, logo após a queda do socialismo no leste europeu e na União Soviética. Com os mercados internos saturados, muitas empresas multinacionais buscaram conquistar novos mercados consumidores. A concorrência fez com que as empresas utilizassem cada vez mais recursos tecnológicos para baratear os preços e também para estabelecerem contatos comerciais e financeiros de forma rápida e eficiente.

Neste período no Brasil, além do aumento de recursos tecnológicos e contatos financeiros, também foram criadas inúmeras estratégias de disciplinarização e mecanismos de controle que atuavam não só no interior da fábrica, mas também fora dela, controlando o trabalhador em todos os momentos da sua vida. O objetivo era a modificação de hábitos considerados nocivos, a eliminação da diferença e a normalização do outro, tudo em busca do modelo imaginário da família burguesa já num contexto globalizado.

Mas para realizar tais mudanças foi enfrentada a resistência dos trabalhadores que tentaram preservar suas tradições, valores, costumes e crenças. Segundo Rago (1985:61)

Instituir hábitos moralizados, costumes regrados, em contraposição às práticas populares promíscuas e anti-higiênicas observadas no interior da habitação operária, na lógica do poder significava revelar ao pobre o modelo de organização familiar a seguir (...). A família nuclear, reservada, voltada sobre si mesma, instalada numa habitação aconchegante deveria exercer uma sedução no espírito do trabalhador, integrando-o ao universo dos valores dominantes.

Várias vozes entre os libertários defenderam a constituição de novas relações afetivas, outros modos de organização familiar, a emancipação da mulher, a igualdade de direitos entre os sexos, entre outros. E, apesar de todas as dificuldades, os operários travaram uma luta incansável contra este modelo de disciplinarização, pela redefinição dos papéis sociais atribuídos a homens, mulheres, crianças.

A descoberta de que a Terra tornou-se mundo, de que o globo não era mais apenas uma figura astronômica e sim um espaço nos quais todos se encontram relacionados e atrelados, permitiu que a globalização fosse vista de forma mais clara, contribuindo com novos rumos dados à família durante o século XX e no limiar do século XXI.

A globalização do comércio mundial com produtos e empresas globais, a velocidade das notícias com a informação viajando a tempo real pela Internet e celulares, a globalização financeira em que o dinheiro dá a volta ao mundo na velocidade da luz, tudo isso vem marcando mudanças significativas nas relações familiares e no comportamento humano em geral.

A nova ordem estabelecida pelas telecomunicações, meios de transportes e as novas tecnologias tem proporcionado ao mundo uma maior velocidade dos negócios e da comunicação entre os seres humanos, e a família, como em qualquer outro período histórico, vem acompanhando esse movimento.

O mundo ocidental está em permanente estado de transição e a família está mudando com ele. Ela continua sendo *um laboratório de relações humanas no qual se testam e aprimoram os modelos de convivência* (Osório, 2002), mas não significa que nesse espaço não haja conflitos. Segundo Kaloustian, (2002), *cada ciclo da vida familiar exige ajustamento por parte de ambas às gerações, envolvendo, portanto, o grupo como um todo.*

Eu to aprendendo muito com meus filhos o de 15 e o de 12 que estão na oficina de inclusão digital e querem que eu aprenda a lidar com aquele bicho, vê se pode eu uma “burra velha” que mal sabe falar e escreve vai mexe em computador, vê se pode! (RITA, 35 anos, 3 filhos)

O extrato acima, retrata a relação intergeracional que estabelece aprendizados entre mãe e filhos, avós, tios, mas como menciona Kaloustian, ambos devem estar abertos para essas mudanças que vão repercutir nas gerações, proporcionando assim, a constante troca de conhecimentos.

Isto vem reiterar que toda evolução humana precede de rupturas e desconstruções de modelos, e a família também se encontra nesse impasse, já que



vive seu ciclo evolutivo através de novas configurações, rompendo com relações de obrigatoriedade entre seus membros e buscando ser um espaço de desenvolvimento de afinidades, relações de reciprocidade, constituição de vínculos. Como mostra a fala abaixo:

Minha irmã morreu de HIV, mas eu não podia deixar de ficar com as crianças dela, olha onde come um come dois ou três, o que importa mesmo é o amor que tenho por elas! Pena que eu não consigo dá para todos o que eu gostaria, mas isso é material é o computador, o celular, agora amor mesmo não falta! (LUCIA, 38 anos, 3 filhos e cria 2 sobrinhos)

Os sentimentos, os vínculos são as vias de aproximação existentes nessa localidade, onde se por um lado não possuem acesso a bens e consumo, por outro a solidariedade humana ultrapassa estas barreiras, exercitando a proximidade. Ainda que a interação do grupo familiar venha sendo favorecida por laços de solidariedade e de proximidade, não podemos negar que em outros espaços os avanços tecnológicos como à utilização da Internet, das redes de computadores, dos meios de comunicação via satélite etc., propiciam também outras formas de interação.

No entanto, as pessoas estão cada vez mais se distanciando umas das outras, desaprendendo a conversar e se enxergar a não ser através da tela de um computador. Hoje é possível em segundos entrar em contato com pessoas de outros países ou, até mesmo, de conhecer aspectos culturais e sociais de várias partes do planeta, para além do certo e do errado. O que registro aqui são as várias formas de interação que no mundo atual devem ser levadas em consideração na dinâmica das relações sociais.

A revolução tecnológica, principalmente no campo da informação foi um dos ingredientes fundamentais para consolidação do fenômeno da globalização que provocou a uniformização da economia, da cultura e comunicações em ritmo acelerado, fazendo com que a globalização atingisse uma velocidade vertiginosa jamais experimentada, e redimensionasse as noções de espaço e tempo, assim como os modos de viver e conviver.

### **3.2 A segunda Via de Acesso: A Ponte para o Pertencimento**

***O contexto das famílias moradoras do Campo da Tuca vem sendo permeado por um cotidiano de adversidades onde, muitas vezes, estas famílias se utilizam de estratégias de inserção no espaço comunitário, como uma forma de proteção e que possa potencializar uma relação de pertencimento social. Esta organização pode ajudar no enfrentamento de tais situações, mas também interferir, significativamente, no desenvolvimento de seus membros.***

A segunda via de acesso busca avaliar a segunda hipótese, bem como a questão que norteou seu desmembramento: *Como as famílias organizam suas estratégias de auto-eco-organização na comunidade para estabelecer uma relação de pertencimento e enfrentarem a adversidade cotidiana?*

A dinâmica de convivência estabelecida dentro das comunidades vem exigindo das famílias a criação de estratégias que contribuam no enfrentamento de questões comunitárias que deverão ser abarcada pelas políticas sociais, levando em conta o papel que o território exerce no cotidiano dessas famílias.

A imersão em aspectos significativos que envolvem a relação entre territorialidade e políticas públicas vem dando visibilidade a um conjunto de estratégias criadas e utilizadas pelo grupo familiar para estabelecer um processo de pertencimento. Nesta direção, este estudo explora a vereda destas estratégias que levam a uma relação de pertença.

#### **3.2.1 A vereda das estratégias que leva ao pertencimento**

A palavra estratégia, muito utilizada na área militar, sempre nos leva a pensar em algo que fazemos para driblar a má sorte, os infortúnios da vida, enfim, algo que se pensa e se faz para garantir a sobrevivência. Sua associação a este campo justifica-se pelo sentido etimológico da palavra estratégia, que vem do grego *estratègós*, tendo como significado inicial "a arte do general".

Segundo Morin (2000:192), *estratégia é a arte de utilizar as informações que aparecem na ação, de integrá-las, de formular esquemas de ação e de estar apto para reunir o máximo de certezas para enfrentar a incerteza.*

Portanto, quando falo em estratégias de inserção, refiro-me justamente ao pensamento, ao comportamento e às atitudes que determinadas famílias utilizam dentro do espaço comunitário com o objetivo de se auto-eco-organizarem e estabelecerem uma relação de pertencimento.

Isto pode ser observado nas falas de algumas moradoras como a Luciana (33 anos, 4 filhos), quando questionada de que forma era realizado o sustento da família, tendo em vista que ela estava desempregada há 3 anos e morava apenas com filhos menores. Ela referiu:

Ah! cuido de criança, faço faxina, lavo roupa, já trabalhei de panfletagem na Ipiranga, com reciclagem de lixo e até já pensei em trabalhar pra “eles”, porque o dinheiro vem fácil, só que depois tá na cadeia e ninguém vai lá te tirar. Quem vai cuidar dos meus filhos se eu for presa? Por isso, eu penso é melhor eles lá e nós cá.

Quando a moradora Luciana descreve a variedade de atividades que desempenha a fim de garantir a manutenção e a proteção da família, pode-se observar que ela procura reunir o máximo de *certezas* para enfrentar as *incertezas* do cotidiano. E que é melhor se dedicar mais ao trabalho fatigante do que se envolver com atividades que tragam lucro fácil, mas que impliquem em uma série de riscos para ela e para sua família, destacando a utilização de estratégias de auto-eco-organização.

Em outro extrato das entrevistas, se observa que além da construção de estratégias para driblar as imprevisibilidades, estas mulheres acabam vivenciando um verdadeiro dilema frente as tentações que o mundo das drogas exerce sobre seus filhos, como no caso da moradora Paulina (48 anos, 8 filhos) que afirma:

Nunca tinha pensado em trabalhar, mas depois que o meu marido foi preso tive que aprender a me virar. Eu faço trança nos cabelos, faço faxina, vendo garrafa, trabalho sem pegar nada de ninguém, porque agora é só comigo, e os meus guris tão sempre querendo uma novidade. Sinto medo quando não consigo comprar as coisas pra eles porque moro pertinho da boca de fumo. Aí, sabe como é, é um lugar mal fluído e a qualquer dia os meus filhos tão lá recebendo alguma porcaria.

A entrevistada demonstra a insegurança que sente de não poder satisfazer totalmente às necessidades da sua família e o perigo de ver seus filhos serem seduzidos pela difusão do dinheiro fácil, do poder, do *status*. Neste sentido percebo o quanto as mães se auto-eco-organizam cuidando de si para protegerem e cuidarem dos filhos, já que essa realidade faz parte do contexto ao qual pertecem. Mas afinal, porque o pertencimento é tão importante?

Historicamente o homem tem sobrevivido, em todas as sociedades, pertencendo a grupos sociais. Desde o nascimento de uma criança já se pressupõe a existência de alguém para alimentá-la, cuidá-la e ampará-la na chegada a este mundo novo. De acordo com Kaloustian (2002:48)

O bebê, ao ser concebido, já pertence a uma rede familiar, que compreende o pai e a mãe e seus respectivos grupos familiares. Ao pertencer a estes grupos, também já está estabelecido quem são os outros e o universo de escolhas amorosas e interdições às quais estará sujeito, de acordo com a cultura onde ele está inserido.

Daí desencadeia-se todo um processo de identidade deste novo ser. Cada criança recebe um nome próprio e um sobrenome que indicam sua pertinência a uma família, a uma rede de parentesco, a um determinado lugar inserido num contexto social e geográfico. Observa Kaloustian (2002:48)

A criança nasce, portanto, em uma comunidade. “Sou filho de tais pessoas e sou de tal lugar”. São duas coordenadas que permitem a qualquer um situar-se no mundo. Qualquer lugar sempre pertence a uma nação ou está submetido a uma bandeira. A nacionalidade é um presente imediato de qualquer sociedade a uma criança. São as raízes brotando. É a faceta comunitária da necessidade humana de não estar só.

A família aparece como a matriz da identidade de seus membros em todas as culturas, pois é ela que confere a eles um “sentido de pertencimento e um sentido de ser separado” ao se inserir em outros grupos sociais, como nos aponta Minuchin, (1982:53): *O sentido de pertencimento de cada membro é influenciado por seu*

*sentido de pertencer a uma família específica, já o sentido de separação se dá através da participação em grupos extra familiares.*

Os primeiros grupos extra familiares surgem no espaço comunitário onde vivem, e onde são estabelecidas as primeiras referências de igualdade com pessoas com que partilham sentimentos significativos, conflitos e contradições. Este cotidiano permeado de relações, onde se estabelece o processo de construção de identidade entre iguais é denominado por Lima (2003:299) de “sociabilidade local”. De acordo com essa autora:

É na vivência cotidiana, nas relações ali produzidas e no contato direto, indiferenciado e personalizado, que constroem uma noção de si próprios, espelhada na imagem de seus iguais, aqueles com quem compartilham formas de vida, valores, hábitos e padrões de relacionamento e, por conseguinte, com eles se identificam, como pertencendo a um mesmo grupo.

Este traço importante da sociabilidade local se reafirma com a disponibilidade para a cooperação, já que há uma mobilidade e um compromisso moral em ajudar e ser ajudado por aqueles que se consideram iguais. Nesta “rede de solidariedade é estabelecida a colaboração entre familiares, amigos e vizinhos” (Lima, 2003) e, mais do que isto, estabelece estratégias de sobrevivência e cooperação. Lima (2003:325) ainda refere:

A regra básica para ser aceito é, portanto, valorizar o respeito a si e ao outro, sendo que o não cumpridor dessa premissa deixa de ser digno de reconhecimento como igual, tornando-se alvo de sanções e julgamentos. É que a aceitação pelo outro provém, exatamente, da obediência ao princípio das complementaridades e reciprocidades.

Sendo assim, não pode haver comunidade sem a presença do sentimento de pertencimento. Este sentimento é inerente à condição humana, pois todos nós de alguma forma buscamos pertencer a algum espaço e/ou lugar, seja por uma questão geográfica, cultural, social, étnica, etc.

Segundo Amaral (2006), *pertencimento, ou sentimento de pertencimento é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade nas quais símbolos expressam valores, medos e aspirações.*

Ainda de acordo com essa autora, este sentimento de pertencimento pode ser reconhecido na forma como um grupo desenvolve sua atividade de produção, manutenção e aprofundamento das diferenças, cujo significado é dado por eles próprios em suas relações sociais. Quando a característica dessa comunidade é sentida subjetivamente como comum, surge o sentimento de "pertinência", de pertencimento, ou seja, há uma comunidade de sentido. Como demonstra o extrato abaixo:

Aqui todo mundo se conhece, eu entro e saio da vila a qualquer hora que não tem problema. Eu gosto muito de morar aqui, no final do ano todo mundo vai pra rua, se abraçam, colocam som e as crianças ficam brincando. Às vezes dá briga por causa da bebida, mas na maioria das vezes é bom. (NELCÉIA, 26 anos, 3 filhos)

Pode-se observar que formas de organizações decorrem deste sentimento de pertinência, que é capaz de realizar a união entre pessoas de ascendência, crenças, valores e costumes diferentes, mas que partilham de um sentido de pertencimento comunitário.

A importância da família e da relação de pertença está relacionada à aproximação e à ligação com o local de origem. É uma idéia de enraizamento, em que o indivíduo constrói e é construído, planeja e se sente parte de um projeto, modifica e é por ele modificado. Evidenciando o princípio da recursividade, que segundo Morin (2004:95) *é um circuito gerador em que os produtos e os efeitos são eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz.*

A sensação de "pertencimento" significa que precisamos nos sentir como pertencentes à tal lugar e ao mesmo tempo sentir que esse lugar nos pertence, e, por isto, territorializar-se ultrapassa a garantia de ter um lugar para morar, indo além da sua representação. Significa a sedimentação de uma identidade social e o uso de estratégias comuns, compartilhadas em determinados espaços da vida cotidiana. Como refere o extrato da fala da moradora Graça:

Eu gosto muito daqui porque é bem movimentado. Moro aqui desde que nasci e sei que tem brigas, mas é só ficar no nosso canto que tudo bem. Eles respeitam a gente, se a gente respeitar eles.

Mais uma vez, o que se vê é a relação de reciprocidade estabelecida entre os moradores e o tráfico, criando relações sociais ancoradas em práticas comuns com sentido de sobrevivência e de partilha de sentimentos, gostos, hábitos e valores próprios do seu modo de vida. A construção desta relação faz parte da auto-eco-organização das famílias no espaço comunitário onde através da rede de solidariedade, da intensa troca de informações e de experiências, há um estreitamento de vínculos, respeito, medo, subalternidade, cordialidade que estabelece valores, costumes e padrões de comportamento fundamentados no cuidado mútuo.

### **3.3 A terceira Via de Acesso: Travessia para Comunidade**

***A comunidade se auto-eco-organiza das mais variadas formas, através de suas interações locais, de suas demandas, de seus conflitos, de suas articulações, estabelecendo a construção de regras internas de vivências e convivências. Nesse tensionamento entre o que é vivenciado no espaço comunitário e o que é percebido pela sociedade em geral é que surge a possibilidade de compreensão deste contexto complementar, antagônico e concorrente, estabelecido pela comunidade e que deve ser abarcado nas práticas e políticas sociais, a fim de torná-las mais efetivas para essa população.***

A terceira via de acesso visa dialogar sobre a terceira hipótese, bem como a questão que indicou seu desmembramento: *Como as práticas e políticas sociais podem incluir a auto-eco-organização comunitária?*

O processo de auto-eco-organização comunitária vem contribuindo para a constante ordem/ desordem/ organização/ reorganização nas relações familiares. E isto não quer dizer que seja bom ou ruim, certo ou errado, mas vem sendo vivenciado pela família e influenciado na construção de novas formas de viver e conviver, o que muitas vezes é desconsiderado na elaboração e execução de políticas sociais.

Esta pluralidade de formas organizativas mobilizadas por uma infinidade de interesses necessita encontrar espaços de expressão que contemplem tamanha diversidade. Sendo assim, é preciso estar atento para acompanhar a travessia que a comunidade faz no caminho da auto-eco-organização.

#### **3.3.1 A travessia da Comunidade no caminho da auto-eco-organização**

Cada vez mais, tem-se observado a força que os territórios e comunidades vêm exercendo sobre as populações. Por mais instáveis que possam parecer, as pessoas têm suas vidas feitas de afinidades e da construção de relações acumuladas, tanto na individualidade quanto na coletividade. Surge aí a exigência



de um novo olhar sobre as pessoas e suas interações com o território onde vivem, não apenas para enxergar mais longe, mas para que não haja somente a consideração da homogeneidade das situações.

Olha Dona, muitas vezes eu tenho que mentir onde moro, porque as pessoas pensam que quem mora em vila é tudo marginal. Então se eu vejo que a patroa é chata, já digo que moro na Bento. (GINA, 37 anos 4 filhos).

Captar esta fala é contemplar um olhar para além do certo e errado, é poder perceber o movimento complexo de auto-eco-organização que está inserido na fala desta moradora do Campo da Tuca. Em vista disso, já existem na maioria das agendas governamentais previsões de ações de apoio familiar, por meio de políticas, programas e projetos a este segmento, objetivando ampliar a discussão sobre componentes importantes do cotidiano das famílias, como o território, que muitas vezes não são consideradas no planejamento das ações.

Para rompimento desse quadro, a Política Nacional de Assistência Social – PNAS (2004) trouxe uma nova concepção de política pública, tendo como um dos seus eixos a matricialidade sócio-familiar, cujas intervenções se dão essencialmente no interior dos territórios. Uma característica peculiar desta política que vem exigido um reconhecimento da dinâmica que se processa no cotidiano das populações.

A dinâmica populacional é um importante indicador para a política de assistência social, pois se relaciona intimamente com a valorização das condições de vida, presença crescente da informalidade, da violência e da fragilização dos vínculos sociais e familiares. Outra característica importante desta política é a compreensão de como se dá o processo de pertencimento, tendo clareza de que é próprio do ser humano o comportamento gregário, como está expresso no terceiro princípio da PNAS (2004):

Respeito à dignidade do cidadão, à sua autonomia e ao seu direito a benefícios e serviços de qualidade, bem como a convivência familiar e comunitária, vedando-se qualquer comprovação vexatória de necessidade.

Na dimensão comunitária se desenvolve potencialidades individuais, coletivas, construções culturais, políticas, sociais, etc. Assim, a operacionalização da política

de assistência social deve levar em conta a autonomia e o direito como base para a construção de caminhos que rompam com a fragmentação na efetivação desta política.

Olha, quando cheguei aqui não sabia nem que eu era cidadã e que tinha direito, pois tudo era difícil, mas nos grupos a gente vê que é gente como todo mundo e agora eu até digo no posto eu vou ser atendida porque tenho direito. (ANA, 27 anos 2 filhos)

O extrato mostra a importância da operacionalização desta política e dos espaços por ela construídos no intuito de estar proporcionando aos usuários o acesso à informação e a garantia dos direitos. Mas ainda se observa um *déficit* no atendimento de demandas específicas derivadas, justamente, desta diversidade de relações e interações estabelecidas na perspectiva do direito, tanto dentro do espaço comunitário como na sociedade de forma mais ampla.

Porém, para dar conta desse *déficit*, a comunidade acaba se auto-eco-organizando para atender esse cotidiano dialógico, que tem na complementaridade, no antagonismo e na concorrência eixos que deveriam se excluir, mas que acabam servindo para explicar este movimento de auto-eco-organização.

E não é apenas a auto-eco-organização das famílias que merece ser vista como um novo elemento nas políticas públicas, mas também a necessidade de mudança nas práticas dos profissionais que atendem esta demanda, em particular os Assistentes Sociais, que necessitam constantemente acolher novas questões que surgem na sociedade contemporânea e que se abarcadas nos programas, projetos e políticas possam trazer resultados mais efetivos a população.

É olhar para realidade, considerando os novos desafios colocados pela dimensão do cotidiano, que se apresenta sob várias formas exigindo enfrentamento de forma integrada. O desafio está posto também para o Serviço Social, pois meramente romper com a história não significa um avanço, pelo contrário, caminhar na direção da ampliação de conquistas significa ter consciência da caminhada já realizada em seus diferentes momentos, podendo assim dar continuidade e credibilidade a uma categoria que se movimenta assim como a realidade. Isso requer, como aponta

Morin (2000), uma reforma de pensamento que ao invés de mutilar, dissociar, reconhece e examina os fenômenos multidimensionalmente, que respeita a diferença enquanto reconhece a unidade. Enfim, *é preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo Complexus: o que é tecido junto.*

Vale lembrar que qualquer discussão acerca da família, deve se atentar também, às condições em que estas famílias vivem. Não se pode desconhecer que a organização e condições de vida das famílias não são só definidas por fatores externos a elas, isto é, por fatores como a dinâmica da economia e as oportunidades ocupacionais, mas também precisam ser compreendidas em seu contexto cultural, inclusive levando em conta suas origens. Aqui, é apontado o princípio da recursividade, onde as famílias são produtos e produtoras de seu cotidiano, não dando ênfase apenas a culpabilização, mas a responsabilidade que temos por nossas ações.

Portanto a efetivação da Política de Assistência Social, caracterizada pela complexidade e contraditoriedade que cerca as relações familiares com a sociedade mais ampla, coloca desafios tanto em relação à sua proposição e formulação quanto à sua execução. Isso quer dizer que além de conceber a família em suas diversas formas de organização é preciso estar atento à sobrecarga depositada pelo Estado sobre estas famílias nos programas e projetos sociais que se insere, sendo, na maioria das vezes, a mãe que fica responsabilizada de efetivar uma mudança no grupo familiar. Esta sobrecarga faz com que algumas mulheres tenham dificuldades em reconhecer sua auto-eco-organização, pois necessitam dar conta de situações e demandas de fora para dentro do contexto familiar, como a fala a seguir:

Não adianta falar a verdade para a assistente social, ela exige que esse dinheiro seja só para comida, mas como vou conseguir convencê-la que eu preciso arrumar os dentes para conseguir um emprego? Então disse que eu fui lá na UFRGS e ganhei o tratamento para os dentes (DOROTÊIA, 45 anos, 3 filhos).

A exigência dos programas e projetos sociais, por outro lado, levam estas famílias a se auto-eco-organizarem, no sentido de criar estratégias para burlarem as regras estabelecidas por estes programas que apresentam critérios cada vez mais

excludentes. Mas como estas famílias necessitam deles, acabam elaborando formas de respostas que venham ao encontro do que é demandado pelos gestores e executores desses programas. Na fala abaixo também é evidenciado esse princípio.

Cansei de vir aqui e não estar nos critérios para ingresso, até que um dia me enchi da cara, mandei os filhos para sinaleira. Depois vim aqui e disse que os filhos estavam na sinaleira, e se seguir assim em breve vai ta lá com "eles", já falei comigo se eu não queria botar o J. (10 anos) de avião. Então entrei! (MARILUCI, 32 anos, 4 filhos)

A fala de Mariluci retrata a situação dos programas sociais e também como se estabelece o vínculo no espaço comunitário, pois, se não há proteção por parte do Estado, quem protege e inclui é o tráfico que se utilizam de menos critérios de inclusão do que os programas sociais. Nesta relação de autonomia e dependência as famílias se auto-eco-organizam, buscando os meios disponíveis na própria comunidade para o enfrentamento de suas adversidades.

É importante que o debate sobre a Política Nacional de Assistência Social, considere o grupo familiar dentro do espaço comunitário, pois ele não é deslocado de seu contexto. Esta relação entre família e território pode ou não ser visível para a sociedade, assim como para executores e gestores das políticas à família, pode ou não desempenhar suas funções básicas. Isto depende do olhar que é lançado para os fenômenos sociais. Por isto existe a necessidade de um olhar multidimensional para as questões que circulam neste cotidiano, como a violência, o crime organizado, o poder do tráfico, a mobilização da associação comunitária, os projetos desenvolvidos e o papel das lideranças comunitárias.

Ao falar de comunidade, principalmente a do Campo da Tuca, não posso esquecer de falar de questões que circundam este território e ajudam a estabelecer as relações de convivência e vivência neste espaço, como a violência e o poder do tráfico. Algumas opiniões sobre esta questão afirmam que nas comunidades que apresentam maiores índices de vulnerabilidade social o crime consegue instalar-se mais facilmente. São os chamados espaços segregados, em que a infra-estrutura urbana de equipamentos e serviços apresenta-se precária ou insuficiente.

Não busco generalizações, mas faço uso das palavras do sociólogo Souza para reiterar esta discussão: *A pobreza não é causa da violência, mas quando aliada à dificuldade dos governos em oferecer melhor distribuição dos serviços públicos, torna os bairros mais pobres mais atraentes para a criminalidade e a ilegalidade.*

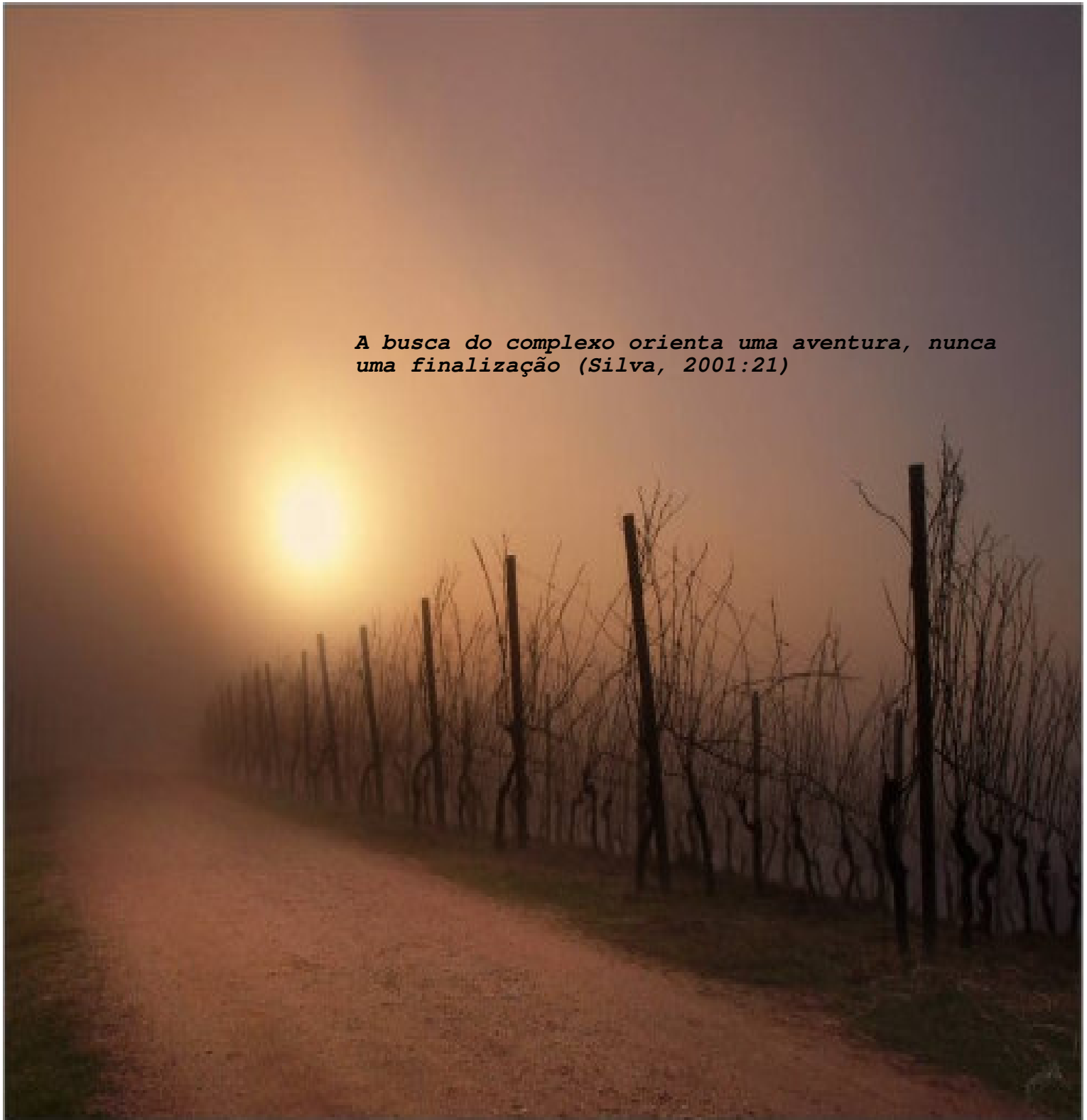
E, não é só isto, outros aspectos importantes na formação do ser humano, como constituição de vínculos, afeto, auto-estima, além de oportunidades ocupacionais podem ter relação direta com o aumento da violência, pois aqueles que não obtêm sucesso em nenhum destes aspectos, tornam-se mais vulneráveis ao ingresso na criminalidade, fazendo-o buscar outras formas de reconhecimento.

A família em meio a este cotidiano vem lançando mão de estratégias que protejam o grupo familiar e possam ir de encontro ao forte estímulo que o crime organizado oferece, como apoio, prestígio e poder, mesmo que algumas vezes façam uso desta própria organização para sentirem-se protegidos e pertencentes socialmente. Novamente surge uma relação dialógica, onde noções antagônicas, concorrentes e complementares servem para explicar o mesmo fenômeno.

A violência urbana é um ciclo que começa e termina nele mesmo e não compreende apenas os crimes, mas todo o efeito que provocam sobre as pessoas e as regras de convívio que estabelecem nas comunidades. E o que se faz indispensável é atuar de maneira eficaz, tanto para além da perspectiva de causas e efeitos, mas também na promoção da autonomia e emancipação das famílias que vivenciam tudo isso, através de ações sócio-educativas.

Sendo assim, tensionar esta discussão para além dos muros das comunidades, é buscar dar vistas a um fenômeno que cresce consideravelmente nestes espaços, mas também fora deles, e do qual a sociedade de forma mais ampla não pode se eximir de discutir. Se os formuladores, gestores e executores de práticas e políticas sociais abarcarem estas questões, certamente as tornarão mais efetivas, possibilitando a desmistificação de dogmas criados pela sociedade em relação aos moradores das comunidades, neste caso, o Campo da Tuca.

*A busca do complexo orienta uma aventura, nunca  
uma finalização (Silva, 2001:21)*



## Considerações Finais

Parafrazeando Arruda (2007) no meu exame de qualificação: *Pesquisar é em si um processo de aprendizagem. Aprendizagem pelas descobertas próprias do estudo e aprendizagem contínua de pesquisar.* E, como pesquisadora e assistente social aprendente, segui o caminho da pesquisa acompanhada por minha thémata, que nas palavras de Morin (1997:08) *são as idéias obsessivas que estimulam a pesquisa e o pensamento dos cientistas.* Pois bem, o estudo com famílias e a importância de pertencer a um território com todas as implicações correlatas a esse movimento foi e continua sendo minha thémata.

Mas chegou o momento de dar um fechamento a este processo, o qual iniciou com a metáfora do caminho e do cavaleiro preso na armadura porque expressava bem a forma como fui me construindo/ desconstruindo/ reconstruindo ao longo desta dissertação. Devo dizer que a auto-eco-organização não foi somente das famílias e da comunidade, pois após minha qualificação fui chamada a trabalhar tendo que lançar mão de estratégias de auto-eco-organização para dar conta de mim, da minha dissertação e do meu novo projeto de vida.

Projeto este que, apesar de ser um trabalho, assumia um lugar importante na minha vida porque ajudaria a realização de outros sonhos, como o exercício da docência, motivo pelo qual ingressei em um programa de pós-graduação e estou realizando o mestrado.

Seguir o referencial epistemológico da Complexidade também fez parte não só da construção desta dissertação, mas está muito impregnado em mim, pois o princípio da auto-eco-organização vem me possibilitando soltar minhas amarras e me lançar ao *desconhecido*, como aponta as palavras de Fischer (2006).

Compreender o *desconhecido* nas relações estabelecidas dentro de uma comunidade, não só a do Campo da Tuca, implica que se tenha uma percepção multidimensional dos fenômenos e que não se perca a capacidade de se inquietar. Por isto, estas considerações são finais, mas não conclusivas.

A investigação sobre como famílias moradoras da Comunidade do Campo da Tuca se auto-eco-organizam, dando visibilidade ao processo de pertencimento social, mostra uma série de estratégias utilizadas pelas mesmas, destacando-se a auto-eco-organização de si para poderem cuidar dos filhos e se organizarem no mundo. Através deste movimento as famílias contemplam questões externas e internas, objetivas e subjetivas que vão desde contar com o crime organizado até burlar programas sociais para suprirem suas demandas e sentirem-se pertencentes.

Neste sentido, a família segue o movimento da globalização como apontado na primeira hipótese, bem como todas as mudanças que vêm marcando a contemporaneidade, transformando-se em uma sociedade multifacetada, tecida por vários aspectos. Este movimento não está deslocado da forma que se apresentam as famílias nos espaços comunitários, que envolve desde a inclusão digital proposta pelos programas e projetos sociais, até a necessidade de disporem de celulares e outros utilitários que proporcionem a estas mulheres/ famílias a conexão com o mundo, com o trabalho, com os familiares, com os amigos enfim, com suas relações.

Na segunda hipótese pode-se notar o rol de estratégias organizadas de forma criativa pelas famílias para darem conta de suas demandas internas e externas, estabelecendo relações de reciprocidade no espaço comunitário, além da partilha de hábitos, valores e modos de vida que possibilitam uma relação de pertença. As estratégias encontradas neste estudo, como não poderiam deixar de ser, vão desde a percepção de si até a percepção do outro e do próprio espaço comunitário.

A terceira hipótese dá vistas ao tensionamento entre o espaço comunitário e o que é percebido pela sociedade. Perceber o espaço comunitário para além da violência é também perceber que por traz do crime organizado vive uma população que clama por autonomia, cidadania e emancipação. E, o que há de novo neste cotidiano, são justamente as possibilidades que estas famílias encontram de enfrentar a violência sem o embate, através do processo de conscientização de que eles não vivem na melhor das comunidades, mas isto não quer dizer que eles não almejam uma comunidade melhor, como aponta Morin (2001:15) *acreditar que a renúncia ao melhor dos mundos, não significa renunciar a um mundo melhor.*



A Política Nacional de Assistência Social – PNAS ainda possui uma prática fragmentada de tutela, em que programas e projetos priorizam satisfazer certas demandas, não percebendo as reais necessidades das famílias, e tão pouco desenvolvendo a emancipação e a cidadania destas pessoas. Isto requer uma reforma de pensamento por parte dos Assistentes Sociais que, em consonância com o Projeto Ético Político da profissão, busque cada vez mais efetivar o acesso à garantia dos direitos.

Sendo assim, busco neste estudo dar visibilidade à importância de estar problematizando o espaço comunitário como via de acesso para efetivação de políticas, programas e projetos sociais que contemplem realmente as demandas da população atendidas por estas políticas, assim como a travessia da tutela para a garantia dos direitos, chegando à vereda da emancipação e da cidadania.

E, por fim, apoiada nas palavras de Fischer (2006) que diz: *não posso conhecer o desconhecido, se ao conhecido me agarro*, percebo que esta atitude passa também por meu olhar de assistente social consciente da minha prática profissional. E pensei então que já era hora de me lançar completamente ao desconhecido e daquele momento em diante perceber que eu era causa e causadora das minhas amarras.

Quando compreendi isto, me desprendi de tudo que tinha conhecido e senti uma imensa vontade de abarcar o desconhecido, que lentamente foi derretendo o que restava da minha armadura e me libertando. Então chego aqui ciente de que durante o caminho percorrido andei por todas as vias, construí e desconstruí as travessias até chegar à vereda de minha transição paradigmática.

## Referências Bibliográficas

AMMANN, Safira Bezerra. **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1982;

ANTON, Iara L. Camaratta. **Homem e mulher: seus vínculos secretos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002;

ARIÈS, Phillippe. **História Social da Criança e da Família**. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1981;

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual / Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BUSCAGLIA, Leo. **Vivendo, Amando & Aprendendo**. Tradução: Luzia Caminha Machado da Costa. 12ªed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1982.

BUSSO, Gustavo. **La vulnerabilidad social y las políticas sociales a inicios Del siglo XXI: una aproximacion a sus potencialidades y limitaciones para los países latinoamericanos**. Santiago do Chile: CEPAL/CELADE, 2001;

**COLETÂNEA DE LEIS**, Revista e ampliada. CRESS, 2000;

FALEIROS, Vicente de Paula. **Estratégias em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1997;

FERREIRA, Francisco de Paula. **Teoria Social da Comunidade**. São Paulo: Harder, 1968;

FISCHER, Robert. **O Cavaleiro preso na armadura: Uma fábula para quem busca a Trilha da Verdade / Robert Fischer; tradução Luiz Paulo Guanabara**. 8ªed. Rio de Janeiro: Record, 2006;

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico. Explicação das Normas da ABNT.** 13ª ed. Porto Alegre, 2006;

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Humanas.** Líber Livro: Brasília, 2005.

GOMES, Kelinês Cabral. **Relações de Família: a complexidade dos grupos multifamiliares do Programa Rede de Apoio e Proteção à Família** (Dissertação de mestrado). Porto Alegre, 2002;

\_\_\_\_\_. **Atando e Desatando os nós: A auto-eco-organização das mulheres chefes de famílias monoparentais.** (Tese de Doutorado). Porto Alegre, 2005;

KALOUSTIAN, Silvio (org.) **Família brasileira a base de tudo.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000;

KAZTMAN, R. **Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos.** Revista de la CEPAL, Santiago do Chile, n.75, 2001.

KOGA, Dirce. **Cidades entre territórios de vida e territórios vividos.** Revista Serviço Social & Sociedade, Ano XXIII, n°72, Novembro, 2002;

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, Antonia Jesuíta de. **As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos.** Teresina: Halley, 2003;

MACHADO, Antônio. Proverbios y Cantares In: **Obras, Poesías y prosa**. Buenos Aires: Losada, 1964.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. As transformações da cultura urbana nas grandes metrópoles. In: MOREIRA, alberto da Silva (org.). **Sociedade Global: cultura e religião**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento & tratamento**. Tradução de Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982;

MIOTO, Regina Célia Tamaso. Novas Propostas e Velhos princípios: A assistência às famílias no contexto de programas de orientação e apoio sócio-familiar. In MIONE, Apolinário Sales. MATOS, Maurício Castro de. LEAL, Maria Cristina. (orgs).

\_\_\_\_\_. **Política Social, Família e Juventude: Uma questão de direitos**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Família e Serviço Social \_ Contribuições para o debate. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n° 55, novembro de 1997.

MORAES, Roque. **Uma Experiência de Pesquisa coletiva: Introdução à Análise de Conteúdo**. In: GRILLO, M. C; MEDEIROS, M. F. (orgs). **A Construção do Conhecimento e sua Mediação Metodológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998;

MORIN, Edgar. **Meus demônios** / Edgar Morin: tradução Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ciência com Consciência**. 4.ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a .

\_\_\_\_\_. LE MOIGNE, Jean Louis. **A inteligência da Complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Petrópolis, 2000b.

\_\_\_\_\_. **As duas Globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. Org. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004;

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo** / Edgar Morin: tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NEDER, Gislene. **Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil**. In: KALOUSTIAN, Silvio (org.) Família brasileira a base de tudo. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002;

**O trabalho do Agente Comunitário de Saúde** – Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 2000;

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996;

PALÁCIOS, Marcos Silva. **Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço: apontamentos para uma discussão**. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (org.). O indivíduo e as mídias. Rio de Janeiro, 1996.

**Política Nacional de Assistência Social** – PNAS. Brasília, novembro de 2004.

RADBRUCH, Gustav. **Filosofia do Direito**. Coleção Justiça e Direito. Ed. Martins fontes, 2004.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890/1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAVAZZOLA, Maria Cristina, BARILARI, Suzana, MAZIERES, Gaston. **A Família como grupo e o grupo como família**. In: ZIMERMAN, David, OSORIO, Luiz Carlos. Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997;

**Regulamento da Residência Integrada em Saúde**. Coordenação de Aperfeiçoamento e Residência Integrada em Saúde da Escola de Saúde Pública/RS. Porto Alegre, 2002.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **A Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

**Saúde da Família: Aspectos Conceituais e Diretrizes**. Coordenação Estadual do PACS/PSF/RS. Porto Alegre, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. Pensar a vida, viver o pensamento In: MORIN, Edigar. **As duas Globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. Org. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. Em busca da Complexidade esquecida II In: MORIN, Edigar. **As duas Globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. Org. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2001.

SOUZA, Luis Antônio Francisco de. **Pequeno Manual de Sobrevivência na Selva Urbana**, Control Risks do Brasil, 1999;

TOFLER. A. **Previsões e Premissas**. Rio de Janeiro: Record, 1983. In: OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad e Socyedad**. Buenos Aires: Losada, 1947.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987;

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado de Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2003.

VIEIRA, Listz. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

# APÊNDICE



## ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FAMILIAS

Nome do Responsável:

Idade:

Nome do Cônjuge:

Idade:

Número de filhos:

Idade dos filhos:

Naturalidade:

Programa ao qual pertence:

1. Descreva a sua família;
2. De que forma é realizada o sustento da família?
3. Você está vinculada (o) a outros programas sociais ou de saúde?
4. Relata um dia de semana da família;
5. Descreva como são os finais de semana da família;
6. Quanto tempo você mora na comunidade?
7. Participa de alguma atividade na comunidade?
8. Você tem amizades dentro da comunidade?
9. E como é a relação com seus vizinhos?
10. E com os vizinhos, possui algum tipo de vínculo?
11. Você já teve a experiência de se organizar com seus vizinhos em função de algum objetivo em comum?
12. Você e sua família já se envolveram em algum conflito na comunidade? E como resolveram?
13. Como você vê a organização desta comunidade?
14. Como você se organiza com sua família frente às situações adversas do dia-a-dia?
15. Como você se sente dentro desta comunidade?

**ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DAS FAMÍLIAS PARTICIPANTES DA  
PESQUISA NO CAMPO DA TUCA**

1. Inserção na comunidade
2. Relacionamento interpessoal
3. Interação Comunidade / Família
4. Estratégias de organização na comunidade
5. Mecanismos de controle do programa social a qual estão vinculadas

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Pertencer ao espaço comunitário: o desafio da auto-eco-organização de famílias moradoras do Campo da Tuca

---

### I. Justificativa

Este estudo tem o objetivo de identificar algumas estratégias de inserção utilizadas pelas famílias em situação de vulnerabilidade que contribuam para processos de pertencimento social no espaço comunitário.

Para isto, serão necessárias algumas informações, relatos que permitirão identificar e problematizar fatores que contribuam ou dificultam o processo de pertencimento social dentro da comunidade, buscando novos subsídios para o seu entendimento.

### II. Procedimentos

A coleta de dados será feita através de entrevistas semi-estruturadas, Observação participante e grupo focal.

### III. Desconfortos

É importante ressaltar que riscos existem, embora sejam pequenos. Referem-se ao uso de informações do seu cotidiano, da comunidade que pertence e do grupo familiar.

### IV. Benefícios

Entre os benefícios, destacam-se: a livre expressão, compartilhar com o grupo, a reflexão sobre seu cotidiano, socialização de experiências, entre outros.

### V. Garantias

- Da garantia de requerer a qualquer pergunta ou dúvida acerca de qualquer questão referente ao estudo;
- Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que me traga qualquer prejuízo;
- Da segurança de que não serei identificado (a) e que se manterá caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade, podendo eu inclusive, escolher um nome fictício como identificação;
- Que serão mantidos os preceitos éticos e legais durante e após o término do estudo;
- Do compromisso de acesso às informações em todas as etapas do trabalho, bem como dos resultados deste;
- De permitir o uso de gravador, máquina fotográfica e anotações das falas, com garantia de sigilo e anonimato.

Eu, \_\_\_\_\_ fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. Recebi informações a respeito do estudo e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim eu o desejar. A Dr<sup>a</sup> Maria Isabel Barros Bellini certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e terei liberdade de retirar meu consentimento de participação a qualquer momento.

Fui informado (a) que não existem danos à minha integridade física e emocional provocados pela pesquisa.

Caso tiverem novas perguntas sobre este estudo posso chamar Dr<sup>a</sup> Maria Isabel Barros Bellini no telefone 33203546. Para qualquer pergunta sobre meus direitos como participante deste estudo posso chamar a mestrande Simone da Fonseca Sanghi no mesmo número de telefone, ou contatar o Comitê de Ética em Pesquisa pelo telefone 33203525 – Dr. José Roberto Goldim.

Declaro que recebi uma cópia do presente Termo de Consentimento

---

Assinatura do sujeito da pesquisa

---

Nome do sujeito da pesquisa

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Assinatura do pesquisador

---

Nome do pesquisador

Este formulário foi lido para \_\_\_\_\_

em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_ pelo \_\_\_\_\_

enquanto eu estava presente.